

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE HISTÓRIA

LAÍS MENEZES DE SOUZA SILVA

D. Glória e Capitu: um olhar sobre a figura feminina na literatura que
perpassa pelo imaginário da Monarquia e da República resvalando no
discurso médico oitocentista.

Rio de Janeiro
2019

LAÍS MENEZES DE SOUZA SILVA

D. Glória e Capitu: um olhar sobre a figura feminina na literatura que perpassa pelo imaginário da Monarquia e da República resvalando no discurso médico oitocentista.

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro como exigência para obtenção do título de bacharel e licenciado em História.

Orientador: Prof. Dra. Luiza Laranjeira da Silva Mello

Rio de Janeiro

2019

À minha mãe Railda Menezes, por ter sempre me incentivado e até mesmo me confrontado quando necessário. E ao meu esposo, Vando Carvalho, por ter feito tudo que estava ao seu alcance para me amparar e ajudar na rotina fatigante do cotidiano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus e a minha família que sempre me proporcionaram suporte para passar por essa jornada acadêmica. Em especial ao meu esposo Vando Carvalho e ao meu irmão Diogo Menezes por toda a preocupação comigo.

Agradeço pela disponibilidade e conselhos da minha orientadora, professora Dra. Luiza Lorangeiras, que sempre se mostrou prestativa, atenciosa e compreensiva. Agradeço aos professores Henrique Gusmão, Manolo Florentino, William Martins e Alessandra Nicodemos, pelos esclarecimentos conceituais em aulas e por terem contribuído para o meu desenvolvendo acadêmico.

Não posso esquecer dos meus amigos de faculdade: Wanderson, Bruno, Barbara, Gilmar, Ronaldo, Wander e Sueli, que fizeram toda a diferença na minha vida e contribuíram para o término desta jornada, sem eles provavelmente o desânimo e o cansaço teriam me dominado.

RESUMO

Neste ensaio pretendo analisar a representação literária da figura feminina no romance *Dom Casmurro* (1899) de Machado de Assis e de que forma as mudanças urbanas na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e o discurso médico científico contribuíram para a redefinição dos papéis sociais e para uma nova configuração familiar no romance, justificando biologicamente os papéis sociais entre homens e mulheres, promovendo assim um controle social. Além disso, pretendo analisar como a construção de Capitu e D. Glória no romance é embasada em uma absorção do discurso médico que, segundo Foucault, passou a se inserir na cotidianidade das famílias, revelando muito mais do que um vínculo entre o Estado e a medicina, este passou a regular os hábitos e costumes mais corriqueiros da sociedade. Capitu e D. Glória também são construídas e representadas no romance com o intuito de valorizar o paternalismo e o sistema monárquico, com a exaltação e santificação da personagem D. Glória, que mantém os valores patriarcais, e condena a pecadora e dissimulada Capitu com a intenção de desacreditar no sistema republicano, que possui como símbolo a figura feminina.

Palavras-chave: Machado de Assis. Representação literária feminina. Dom Casmurro.

ABSTRACT

In this essay I intend to analyze the literary representation of the female figure in the romance *Dom Casmurro* (1899) by Machado de Assis and how the urban changes in the city of Rio de Janeiro in the late nineteenth century and the scientific medical discourse contributed to the redefinition of roles and a new family configuration in the romance, biologically justifying the social roles between men and women, thus promoting social control. In addition, I intend to analyze how the construction of Capitu and D. Gloria in the romance is based on an absorption of medical discourse that, according to Foucault, became part of the daily lives of families, revealing much more than a link between the state and the medicine, it began to regulate the most common habits and customs of society. Capitu and D. Gloria are also constructed and represented in the novel in order to value paternalism and the monarchical system, with the exaltation and sanctification of the character D. Gloria, who upholds patriarchal values, and condemns the sinful and sly Capitu with discrediting the republican system, which has the female figure as its symbol.

Keywords: Machado de Assis. Female literary representation. *Dom Casmurro*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	O ESTILO DE VIDA URBANO E A FAMÍLIA BURGUESA NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS	12
2.1	A FAMÍLIA SANTIAGO E O AGREGADO: UMA ANÁLISE SOBRE O SISTEMA DE FAVOR.....	17
2.2	A CASA DO ENGENHO NOVO: ASPECTOS CULTURAIS E SOCIAIS QUE ELA REPRESENTA	22
3	UM OLHAR SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO MÉDICO CIENTÍFICO EM DOM CASMURRO	25
3.1	A NATUREZA E A SUA GRANDE EVIDÊNCIA: UM OLHAR SOBRE COMO O DISCURSO MÉDICO É ASSIMILADO POR BENTO SANTIAGO	29
4	D. GLÓRIA E CAPITU: UM OLHAR SOBRE A FIGURA FEMININA NA LITERATURA QUE PERPASSA PELO IMAGINÁRIO DA MONARQUIA E DA REPÚBLICA NO DISCURSO MÉDICO OITOCENTISTA.....	33
5	CONCLUSÃO	46
6	BIBLIOGRAFIA.....	50

1 INTRODUÇÃO

O objetivo central desta monografia é analisar a representação literária da figura feminina no romance *Dom Casmurro* (1899) de Machado de Assis. Pretendo analisar as representações da mulher nos oitocentos e de que forma as mudanças urbanas na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e o discurso médico contribuíram para a redefinição dos papéis sociais e para uma nova configuração familiar no romance, justificando biologicamente os papéis sociais entre homens e mulheres, promovendo assim um controle social. Além disso, pretendo analisar como a construção de Capitu e D. Glória no romance é embasada em uma absorção do discurso médico científico que, segundo Foucault, passou a se inserir na cotidianidade das famílias, revelando muito mais do que um vínculo entre o Estado e o discurso médico científico, este passou a regular os hábitos e costumes mais corriqueiros da sociedade. Capitu e D. Glória também são construídas e representadas no romance com o intuito de valorizar o paternalismo e o sistema monárquico, com a exaltação e santificação da personagem D. Glória, que mantém os valores patriarcais, ao mesmo tempo em que condena a pecadora e dissimulada Capitu com a intenção de desacreditar no sistema republicano, que possui como símbolo a figura feminina.

Ao analisar essas duas personagens, Dona Glória, mãe de Bentinho, e Capitu, a esposa adúltera, é perceptível que, aos olhos do narrador, essas duas mulheres possuem comportamentos sociais e atributos morais bem díspares. D. Glória e Capitu são diferentes em tudo, até mesmo nos hábitos e costumes que são comuns a ambas, como o gosto por guardar pertences e objetos, enquanto uma guardava para manter viva a memória do falecido marido, a outra desejava manter viva em sua memória os tempos de sua meninice. A comparação entre o fracasso do seu casamento com o aparente sucesso do casamento de seus pais é justificado por Bentinho pela disparidade entre essas duas personagens, que são construídas pelo autor levando em consideração os aspectos médicos e sociais da época.

No entanto, se faz necessário, antes de qualquer coisa, analisar um pouco mais a figura do autor Machado de Assis. Considerado por Silvio Romero um homem com uma visão pessimista sobre o seu país, Machado, entretanto, nunca deixou o seu interesse sobre o mesmo morrer. Entre 1880 e 1908, Machado escreveu alguns romances e contos que são considerados por Roberto Schwartz e Antônio Cândido acima da média frente ao que

foi produzido no Brasil, superior inclusive se comparado com a própria produção de Machado anteriormente. Segundo Schwartz, a ousadia machadiana se iniciou de forma tímida e limitada ao âmbito da vida familiar. O mesmo analisava a desproteção inaceitável dos dependentes e as arbitrariedades dos proprietários, que se encobriam sob uma capa civilizada. Mas, foi a partir de 1880, que ele rompeu com os pressupostos da ficção realista. A inovação, segundo Schwarz, estava na implementação de um narrador ousado, arbitrário e humorista que submetia as personagens e o próprio leitor, corrompendo a lógica e os pressupostos da ficção realista do período. (SCHWARZ, 2001-2003, p. 1-2.)

Suas obras, a partir de então, principalmente na sua segunda fase, considerada realista, lhe renderam o título de maior escritor das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa. O marco de sua segunda fase é a publicação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em 1881. E, posteriormente, já no final do século XIX, foi publicado o livro *Dom Casmurro*, que será analisado neste trabalho, em 1899 pela Livraria Garnier.¹

A diferenciação de Machado de Assis frente aos outros escritores, antecessores e contemporâneos, levaram muitos estudiosos a buscarem uma justificativa para o seu brilhantismo e cinismo. Segundo Silvio Romero, Machado seria um corpo estranho na literatura brasileira, fingindo ser diferente porque não tinha aptidões para se realizar como deveria. (MONTEIRO, 2018, p. 355) Sua literatura, principalmente na sua fase realista, que começou na segunda metade do século XIX, passou a assumir uma dicção que não era comum na literatura brasileira, e fazia uso de um narrador cínico que beirava à literatura estrangeira.

Antonio Cândido afirma que Machado de Assis aproveitou todos os escritores antecessores brasileiros e buscou melhorar e alterar a sua forma literária, reescrevendo e aproximando a literatura da realidade social brasileira, com a intenção de apresentar as durezas e nuances da sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista. (CANDIDO, 2000, p. 56) Longe de renunciar a sociedade brasileira, ele reconhecia uma nação recentemente independente que visava ares europeus e a modernidade, mas sem deixar para trás seu passado colonial. Uma vez que, não abandonou a forma de produção colonial, e ainda se sustentava com base na escravidão mesmo após a sua abolição.

¹ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia> Acesso em: 19/05/2019.

O livro *Dom Casmurro* é narrado pela personagem principal, ele narra a sua vida desde a infância com o intuito de justificar a amargura, o isolamento e a transformação dele, do Bentinho, sensível, amável e “afeminado” ao Casmurro, autoritário, decidido e repleto de toda a áurea masculina. Além disso, sem que se tenha nenhum ato comprovado ou flagrado, somos impelidos a crer durante a sua narrativa em um ato de adultério cometido pela personagem Capitolina, Capitu, sua esposa, com o seu melhor amigo, Escobar. Este último, além de lhe roubar a mulher, lhe tira a legitimidade da paternidade de Ezequiel, seu filho, que por desígnios da natureza se revela ser filho de Escobar. Na semelhança física, no jeito e na fisionomia, Ezequiel se transfigura na imagem do amigo, trazendo a vida aquele que jazia morto. Casmurro, que não deseja duvidar da palavra de sua esposa, é forçado pelo valor e veracidade da natureza, da ciência, a decretar a culpa e sentenciar o exílio da sua mulher, juntamente com o filho dela.

Didaticamente, o livro pode ser dividido em duas partes. A primeira, que vai até o capítulo 97, retrata a infância e adolescência de Bentinho, narrando seus conflitos para se livrar da promessa de sua mãe para se tornar padre e termina com a solução do impasse, a sua graduação em Direito e o casamento com Capitu, sua vizinha. A segunda parte, que começa no capítulo 98 e vai até o 148, narra sua vida de casado com Capitu, o nascimento do seu filho Ezequiel, a crescente desconfiança sobre a infidelidade da esposa com o seu melhor amigo, Escobar, que como começa no enterro do mesmo, ao ver sua esposa chorar por outro homem, e termina com o exílio da esposa e do filho na Europa.

Dentro das façanhas do cotidiano da família burguesa, Machado de Assis ressalta as novas configurações dessa família e dá grande destaque a sua moral contraditória e a relação entre as classes sociais. Nesse sentido, dentro do seu enredo, dentro da estrutura da família Santiago, percebemos uma ausência do *pater familias* burguês, sendo a Dona Glória, a viúva e mãe do Bentinho, a personagem de maior autoridade e poder na família.

Na mesma casa temos a presença de parentes e de agregados. Na casa vivem Bentinho, Dona Glória, mãe de Bentinho, tio Cosme, prima Justina e José Dias, o agregado. E na casa dos fundos reside à família do Senhor Pádua, Dona Fortunata, sua esposa, e Capitolina, sua filha.

Os três viúvos, Dona Glória, tio Cosme e prima Justina vivem juntos não só por comodidade da viuvez, mas pelo conforto e proteção que é ofertado pelo patrimônio e reputação social de Dona Glória, a proprietária, o mesmo motivo que justifica a presença

do agregado José Dias. Para cada personagem é dedicado um capítulo descritivo. Nestes percebemos a ironia com que Machado de Assis aborda a família burguesa ao ridicularizá-los em suas descrições como, por exemplo, a figura robusta do tio Cosme ao montar seu cavalo para ir ao trabalho, os superlativos exagerados de José Dias e a sua maneira de se vestir e a falta de ponderação de prima Justina ao falar das pessoas.

Capitu, com seus olhos de cigana oblíqua e dissimulada, que pertence à “gente do Pádua”, passa sua infância toda brincando com Bentinho. Desde sempre, suas diferentes classes sociais estavam bem demarcadas para suas respectivas famílias. E podemos evidenciar essa diferença de classe social no relacionamento do senhor Pádua com a família Santiago e na preocupação da família Santiago com o possível envolvimento de Bentinho com Capitu, fato que não desagrada por completo, pois a “gente do Pádua” não é de toda má. Entretanto, caberia ao Bentinho cumprir os desígnios de sua mãe, Dona Glória, e se tornar padre para cumprir à promessa que lhe garantiu o fôlego de vida.

A dissimulação de Capitu, que por Bentinho é admirada, mas que para o Dom Casmurro é congênita e justifica sua infidelidade, também pode ser evidenciada em outros personagens. No entanto, esses atos não ganham destaque na voz do narrador, eles não assumem uma conotação negativa e não mancham a índole e o caráter deles. Durante a trama esses atos dissimulados são praticados para burlar suas crenças e seus conceitos morais em prol de seus objetivos pessoais e da boa convivência. Por exemplo, prima Justina mentiu que Bentinho já se encontrava em casa, quando na verdade desconhecia sua localização. O próprio Bentinho articulou dissimuladamente sua recusa à promessa de ser padre de sua mãe, e contou com as artimanhas da Capitu e do seu melhor amigo Escobar para isso. Até mesmo Dona Glória, com a intenção de manter seu filho mais próximo e cumprir com as suas vontades, acata enviar um órfão para o seminário no lugar do Bentinho, acreditando que assim estaria sendo condizente com a sua fé cristã ao cuidar do órfão e cumprindo com a sua promessa. Tudo isso, é claro, com a benção dos bispos da igreja.

No romance *Dom Casmurro* podemos evidenciar que Machado utilizou muitos aspectos da cultura carioca oitocentista para elaborar seu enredo, ainda que de forma inconsciente e não declarada. No primeiro capítulo, pretendo abordar as mudanças urbanas na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX, as redefinições dos papéis sociais e a nova configuração familiar representadas no romance de Machado de Assis.

Para tanto, é preciso compreender o romance de Machado em sua relação com diversos fenômenos culturais que marcam as relações sociais no Brasil do século XIX.

No segundo capítulo, vou analisar como o discurso médico é representado no romance. Em um primeiro momento, vou analisar como a personagem Jose Dias nos revela o debate sobre duas escolas médicas que possuíam ideais e princípios diferentes e que travavam um forte embate no século XIX, a alopatia e a homeopatia. Depois, vou analisar a maneira como esse discurso médico está presente nos argumentos que Bentinho utiliza para acusar Capitu, sua esposa, como adúltera e negar a paternidade de Ezequiel, seu filho.

No último capítulo, busquei analisar e comparar as duas personagens femininas mais importantes na vida de Bento Santiago, D. Glória e Capitu. Com a intenção de revelar os atos, comportamentos e atitudes que às diferenciam. Neste sentido, pretendo reafirmar a hipótese de que ambas representam, respectivamente, para o autor-narrador um símbolo dos relativos sistemas políticos, enquanto uma representa o sistema patriarcal e monarquista, a outra é um símbolo do sistema republicano. Além disso, pretendo analisar como o discurso médico engendra novas concepções sobre o corpo feminino e lança propostas higienistas que visavam não borrar as fronteiras entre os sexos que, ao mesmo tempo em que é considerado biologicamente dado, pode ter os seus limites transgredidos pelo ambiente cultural “perverso”, prejudicando os papéis sociais atribuídos aos sexos.

2 O ESTILO DE VIDA URBANO E A FAMÍLIA BURGUESA NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Enquanto o telégrafo nos dava notícias tão graves [...], coisas que entram pelos olhos, eu apertei os meus para ver coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número, coisas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam. Machado de Assis²

Dom Casmurro é um romance que de tempos em tempos é revisitado pelos acadêmicos que não conseguem esgotar as possíveis análises sobre a obra, tamanha a sua relevância literária, ele é utilizado como fonte por um campo abrangente de disciplinas. Sendo eu apenas mais uma, pretendo analisar neste primeiro capítulo como o autor, Machado de Assis, representou na obra o estilo de vida urbano da cidade do Rio de Janeiro do século XIX, analisando algumas das críticas que o próprio narrador, Dom Casmurro, em seu tempo presente, faz sobre as mudanças sociais e culturais que o cercam, ao traçar comparações com o seu passado.

Para Schwarz³, em sua primeira fase, Machado buscava retratar a luta de uma mocinha para subir na vida se agregando a uma família de classe social superior, proprietários. Ele trazia sempre em seu enredo o ângulo social de baixo, buscando sempre ressaltar que se ambas as partes agissem de maneira inteligente tudo terminaria com um desfecho favorável. Mas, na sua segunda fase, realista, a partir de 1870, há uma grande mudança na perspectiva dele, ele passa agora a escrever do ângulo social dos proprietários analisando as relações sociais entre as classes e se permitindo destacar os cinismos e as manobras abjetas que a classe dos proprietários tem sobre os menos favorecidos.

Machado iniciou a sua fase Realista com a publicação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Na sua segunda fase, segundo Schwarz, é possível perceber em suas obras um “tom de mercado”, onde tudo se encontra a venda e o seu leitor é tentado a se comportar como um consumidor. Diferentemente das obras da sua primeira fase, que valorizavam uma perspectiva moral. Em suas crônicas, por exemplo, Machado abordava os mais variados assuntos, envolvendo o jogo político internacional, as atividades culturais e as mercadorias. Esse novo tom, segundo Schwarz, retoma a dependência dos menos favorecidos, que nada têm para vender, utilizando a linguagem dos proprietários.

² GLEDSON, Jonh (Org.). **Machado de Assis: Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Penguin Companhia, 2013, p. 245.

³ Ver MACHADO DE ASSIS. **Obra Aberta**. São Paulo: TV Cultura, 2002. Programa de TV.

Para Schwarz, esse novo ângulo social proposto em suas obras possui relação com a sua ascensão social. Machado foi um homem da classe baixa que maneja muito bem sua inserção no ambiente literário. Na sua primeira fase, é muito visível que o esforço das suas personagens em subir e melhorar de vida está relacionado indiretamente com as suas próprias intenções neste período. Em sua segunda fase, Machado, já tendo alcançado destaque social, passa a analisar através do ângulo social dos proprietários as relações sociais entre as classes colocando em destaque as artimanhas sociais e a dependência dos menos favorecidos frente à classe dominante.⁴

Já no começo da obra, o narrador, Dom Casmurro, que está no seu tempo presente, inicia sua narrativa falando sobre o retorno de uma de suas idas noturnas eventuais a cidade. No trajeto de volta para casa, que fica no bairro Engenho Novo, ele encontra no trem da Central um conhecido que reside no seu bairro e que acaba por puxar uma conversa informal. Talvez pela hora, já tarde, somada ao seu cansaço, ele acaba bocejando ao ouvi-lo recitar alguns versos de sua autoria. Depois deste evento, por rancor, o conhecido acabou lhe apelidando de Dom Casmurro, nome que dá título ao romance.

O trem da Central, que foi inaugurado em 1858, é evidenciado por Machado de maneira corriqueira, tal como o seu uso. De todo modo, é evidente que existe uma vida noturna em ebulição e novos hábitos sociais que não são completamente aceitos pelo narrador, nem completamente rejeitados, a vida é, segundo ele, apenas outra coisa. Dom Casmurro, buscou reconstruir sua antiga casa da Rua MataCavalos nos mínimos detalhes no seu atual bairro, Engenho Novo. O objetivo é, segundo ele, reconstituir os tempos idos e os anos da infância, assim como preservar a cultura e os velhos hábitos, com um objetivo de tentar se afastar da vida ruidosa dos novos tempos e conservar junto com a sua reclusão, sua velha mobília e a sua velha louça. Para além do sentimentalismo e do apego aos tempos de infância, é possível vislumbrar um aspecto mais político por trás da sua reclusão e da reconstrução da sua antiga casa, onde passou a sua infância. É possível afirmar que o seu isolamento é uma forma de preservar os valores culturais e sociais do patriarcado? O que ele busca preservar, junto com a sua velha mobília, na sua reclusão?

⁴ Longe de afirmar que a sua trajetória literária é fruto da sua própria biografia, pretendo apenas realçar as circunstâncias pessoais que contribuíram para uma nova perspectiva do autor, mas que de forma alguma foram determinantes para o seu rumo literário. Portanto, não pretendo cair em determinismo biográfico.

Existe um motivo oculto por trás da reconstrução da antiga casa da Rua Matacavalos? Neste primeiro capítulo, pretendo responder a esses questionamentos.

A “Caverna do Engenho Novo”, como um de seus amigos a chama em uma das suas cartas, define bem os costumes do homem que pouco aparece e quase não fala. Os vizinhos, que também não gostam dos seus hábitos reclusos, acabaram por promover o apelido Dom Casmurro, que foi bem aceito até mesmo pelo próprio narrador.

A vizinhança aprova a alcunha, pois os modos reclusos de Santiago também a irritam. Este conta a anedota na sua roda de amigos finos da cidade, os quais acham graça e adotam o novo nome, completando o ciclo. Em transposição afastada e ambígua, os temas de intriga estão aí. O *gentleman* distante não destoa do modelo de civilidade europeia, com seu direito à *privacy*, o costume do anonimato citadino etc. Em contraste, a sem-cerimônia do rapaz que nem sequer havia sido apresentado aponta a capital provinciana, o país invisível, do qual o Casmurro se queixa aos amigos elegantes, que têm hábito de chá, camarote no teatro e casa em Petrópolis. Contudo, a figura do secarrão inabordável deixa entrever também o patriarca furioso, que foi ocultar o seu “mal secreto” na “caverna” do bairro distante, sempre sem descuidar as aparências. (SCHWARZ, 1997, p. 36.)

Estando em meio ao tédio da monotonia, a graça reaparece na ideia de reescrever sua própria história, sua ópera, na possibilidade de reviver o que já foi vivido. Entretanto, existiria algum outro motivo que o impeliu a escrever e narrar a sua própria vida?

Segundo Schwarz, podemos ter três diferentes leituras sobre o livro:

Uma romanesca, onde acompanhamos a formação e decomposição de um amor; outra, de ânimo patriarcal e policial, à cata de prenúncios e evidências do adultério, dado como indubitável; e a terceira, efetuada a contracorrente, cujo suspeito e logo réu é o próprio Bento Santiago, na sua ânsia de convencer a si e ao leitor da culpa da mulher. (SCHWARZ, 1997 p. 85/86)

Um narrador sensível, poético, culto e bem eloquente, que atrai pelo seu prestígio social, torna viável uma leitura mais conformista do romance, tal como na citação abaixo:

Passemos agora a Dom Casmurro. É um livro cruel. Bento Santiago, alma cândida e boa, submissa e confiante, feita para o sacrifício e para a ternura, ama desde criança a sua deliciosa vizinha, Capitolina, — Capitu, como lhe chamavam em família. Esta Capitu é uma das mais belas e fortes criações de Machado de Assis. Ela traz o engano e a perfídia nos olhos cheios de sedução e de graça. Dissimulada por índole, a insídia é nela, por assim dizer, instintiva e talvez inconsciente. Bento Santiago, que a mãe queria fosse padre, consegue escapar ao destino que lhe preparavam, forma-se em direito e casa com a companheira de infância. Capitu engana-o com seu melhor amigo, e Bento Santiago vem a saber que não é seu o filho que presumia do casal. A traição da mulher torna-o cético e quase mau (PUJOL, 1917, p. 240 *apud* SCHWARZ, 1997, p. 10)

Todavia, segundo John Gledson, atrás da perspectiva romanesca e sentimental do livro, é possível identificar interesses sociais da época, que estão articulados com a crise

do sistema patriarcal e a organização da ordem paternalista. Portanto, se olharmos Bento Santiago com a devida desconfiança podemos perceber que o seu discurso foi muito bem elaborado por advogado de prestígio e muito culto que tenta condenar e justificar o exílio da sua esposa e filho.

Segundo Schwarz, um diferencial da literatura machadiana está na forma como o mesmo retrata “o convívio regular, articulado em profundidade, entre os aspectos iníquos da sociedade brasileira e os seus lados modernos e refinados” (SCHWARZ, 1997, p. 36). Segundo ele, a figura do memorialista sensível e reservado, que evidenciamos nas primeiras páginas, não se assemelha em nada com a fera que se apresenta nas páginas finais. Articulando mais uma vez sobre a ambiguidade da sociedade brasileira, passamos a desconfiar de Santiago, que ao narrar sua vida em busca do tempo perdido, por trás do lirismo, da ingenuidade e da descoberta do primeiro amor, que foram destruídas pela traição da mulher, passamos a ver um Casmurro que amarra em sua narrativa um autoritarismo patriarcal e de classe, que se apresenta disfarçado na elegância. (SCHWARZ, 1997, p.39)

O progresso da civilização contemporânea, tão almejado pelos brasileiros, não deixa de ser viável aos proprietários por não seguirem à risca a civilidade em casa. Os dois lados da narrativa de Santiago evidenciam um aspecto quase “pitoresco”, que é muito bem evidenciado por Machado. Segundo Schwarz, desponta um mundo de segunda classe que se distancia dos padrões europeus de alta classe que tanto almeja, e que se propõe a desqualificar a vida local, mas, ao mesmo tempo, Machado desacredita na norma, no padrão europeu. Machado, portanto, assegura que “a inferioridade do país é inegável, mas a superioridade de nossos modelos não convence”. (SCHWARZ, 1997, p.40)

A sociedade brasileira oitocentista almejava semelhança com a moda europeia, a ciência etc., mas ela era diferente, e esta diferença está fundamentada, segundo Schwarz, na escravidão. Por isso, segundo o autor, todos os seus objetivos como sociedade moderna ocorriam de maneira diferente e ficavam diminuídos. Machado se diferencia, segundo ele, ao sistematizar a não realização das finalidades modernas no Brasil.⁵ Isso fica evidente no trecho abaixo:

[...] Foi o caso que, uma segunda-feira, voltando eu para o seminário, vi cair na rua uma senhora. O meu primeiro gesto, em tal caso, devia ser de pena ou

⁵ Ver Documentário sobre Roberto Schwarz, *Obra aberta*. .

de riso; não uma nem outra coisa, porquanto (e é isto que eu quisera dizer em latim), porquanto a senhora tinha as meias muito lavadas, e não as sujou, levava ligas de seda, e não as perdeu. Várias pessoas acudiram, mas não tiveram tempo de a levantar; ela ergueu-se muito vexada, sacudiu-se, agradeceu, e enfiou pela rua próxima.

-Este gosto de imitar as francesas da rua do Ouvidor – dizia-me José Dias andando e comentando a queda – é evidentemente um erro. As nossas moças devem andar como sempre andaram, com seu vagar e paciência, e não este p'tique-tique afrancesado... [...] (ASSIS, 2017, p. 136.)

O Brasil buscava incansavelmente ares europeus, e visava um protótipo de Paris. Já no final do século XIX, a urbanização acelerada acabou por engendrar maior concentração de renda e trouxe novas formas de consumo; tal como a construção do Teatro Municipal, cafés e bouvelares. (SILVA, 2018, p. 5) Por conseguinte, aumentou também a concentração populacional nos grandes centros urbanos, decorrente das migrações internas. No entanto, a população urbana só ultrapassou a rural na segunda metade do século XX. Essa concentração populacional também acabou por agravar uma crise habitacional. (SILVA, 2018, p. 9) “De 1880 a 1890 foi quando a população do Rio de Janeiro teve maior crescimento anual, ficando em torno de 4,54%”. (SILVA, 2018, p. 9) A classe mais pobre vivia de aluguel nos centros da cidade, em habitações coletivas, que tinham condições precárias.

No romance, uma das qualidades exaltadas por José Dias, ao falar sobre a “a gente do Pádua”, é o fato de pertencer a casa em que mora. Além disso, D. Glória sobrevive dos aluguéis e renda de alguns imóveis que possui, após a morte do seu marido.

Essas habitações, os cortiços e casas de cômodos, eram vistos pelos sanitaristas como um foco de doenças graves. (SILVA, 2018, p. 10) “Não houve lepra, mas há febres por todas essas terras humanas, sejam velhas ou novas.”. (ASSIS, 2017, p. 244) Já no final do século XIX, as reformas governamentais visavam uma “limpeza” da cidade, pois estas habitações ocupavam a área central da cidade do Rio de Janeiro, buscando uma modernização e uma melhor valorização dessa área. “As primeiras demolições foram realizadas na administração do Prefeito Barata Ribeiro, formado em Medicina e ex-integrante da Intendência Municipal – desde dezembro de 1889”. (SILVA, 2018, p. 14) Este, por ser formado e professor de medicina, alegava que os cortiços representavam todos os males do Rio de Janeiro, e visava defender uma política higienistas. (SILVA, 2018, p. 15)

2.1 A FAMÍLIA SANTIAGO E O AGREGADO: UMA ANÁLISE SOBRE O SISTEMA DE FAVOR.

Dentro das façanhas do cotidiano da família burguesa, Machado de Assis ressalta as novas configurações dessa família e dá grande destaque a sua moral contraditória e a relação entre as classes sociais. Nesse sentido, dentro do seu enredo e dentro da estrutura da família Santiago, existe uma ausência do *pater familias* burguês, sendo a Dona Glória, a viúva e mãe do Bentinho, a personagem de maior autoridade e poder na família Santiago. No entanto, apesar da ausência de uma figura paterna forte, sua lembrança é preservada pela D. Glória nos objetos e pertences que guarda na casa, com a intenção de manter viva a memória e a autoridade do falecido.

Na mesma casa temos a presença da *parentela* e do agregado. Nela vivem Bentinho, Dona Glória, tio Cosme, prima Justina e José Dias, o agregado. E na casa dos fundos reside à família do Senhor Pádua, Dona Fortunata, sua esposa, e Capitolina, sua filha. Estes “atores formam um sistema social rigoroso, dotado de necessidade interna, distante das razões sentimentais e de pitoresco, ou seja, românticas, que levaram o Casmurro a lembrá-las com notável precisão”. (SCHWARZ, 1997, p. 18)

Os três viúvos, D. Glória, tio Cosme e prima Justina vivem juntos não só por comodidade da viuvez, mas pelo conforto e proteção que é ofertado pelo patrimônio e reputação social da proprietária, D. Glória, o mesmo motivo que justifica a presença do agregado José Dias. Para cada personagem é dedicado um capítulo descritivo. Nestes percebemos a ironia com que Machado de Assis aborda a família burguesa ao ridicularizá-los em suas descrições como, por exemplo, a figura robusta do tio Cosme ao montar seu cavalo para ir ao trabalho, os superlativos exagerados e as vestimentas de José Dias e a falta de ponderação ao falar das pessoas de prima Justina.

O sistema patriarcal se fundamenta na figura paterna, o pátrio poder é ilimitado e está “imerso em si mesmo, não tolerando nenhuma pressão de fora”. (HOLANDA, 1995, p. 81 *apud* CELIDONIO, 2006, p.5) No entanto, apesar da ausência desta figura paterna forte na família Santiago, nota-se que ela aparece representada na casa, nas lembranças que Dona Glória mantém, nas mobílias e na fotografia que fica na parede da sala. O retrato dos seus pais ganha um destaque na narrativa, pois Bentinho ressalta a ausência desta figura paterna na sua vida, e enaltece a felicidade conjugal de seus pais:

Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado do marido, tais quais na outra casa. [...] São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: “Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!” O de meu pai, olhando para a gente, faz este comentário: “Vejam como esta moça me quer...” Se parecem moléstias, não sei, como não sei se tiveram desgostos: era criança e comecei por não ser nascido. Depois da morte dele, lembra-me que ela chorou muito; mas aqui estão os retratos de ambos, sem que o encardido do tempo lhes tirasse a primeira expressão. São como fotografias instantâneas da felicidade. (ASSIS, 2017, p. 27)

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, a família patriarcal fornece “o grande modelo por onde se hão de calcar, na vida política, as relações entre governantes e governados, entre monarcas e súditos” (CELIDONIO, 2006, p. 5, *apud* HOLLANDA, 1999, p. 85). Segundo Celidonio, a família de Santiago é um importante fio condutor para compreender uma possível ligação entre a autobiografia ficcional de Casmurro e o Segundo Reinado. Dom Casmurro foi publicado em uma fase de mudança do regime monarquista para o regime republicano. Enquanto a figura feminina simboliza o regime republicano, o regime monarquista possui sua representação na figura paterna do soberano Imperador. (CELIDONIO, 2006, p.6) D. Glória respeita e mantém as normas da família patriarcal, ela não deixou que a imagem do falecido marido se desfizesse com passar dos anos. Portanto, nos sonhos de intervenção de Bentinho, somente o Imperador poderia subjulgar a autoridade da sua mãe e demove-la da promessa que fizera para que ele sobrevivesse ao parto. (CELIDONIO, 2006, p. 7)

A cultura é, segundo Clifford Geertz, uma teia de significados tecida pelo homem, que orienta a existência do mesmo e que se configura como um sistema de símbolos que está em constante interação com o sistema de símbolos de cada indivíduo. E esses símbolos são, segundo o autor, todo ato, objeto, relação, acontecimento etc., que represente um significado.

Neste sentido, é possível analisar a literatura machadiana em sua perspectiva simbólica, que está imbricada nos aspectos sociais e culturais da época. Schwarz evidencia que o refinamento cultural que encobre a personagem Bento Santiago é uma referência direta a cobertura cultural da opressão de classe, que passa a ser uma face da configuração social que o romance, *Dom Casmurro*, põe as claras, ratificando os aspectos positivos e negativos deste refinamento intelectual da elite brasileira. (SCHWARZ, 1997, p. 13)

Segundo Schwarz, é evidente uma disparidade da sociedade brasileira escravista com as ideias do liberalismo europeu. (SCHWARZ, 2007, p. 2) É neste sentido que Sérgio

Buarque afirma: “Trazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão de mundo e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos uns desterrados em nossa terra”. (HOLANDA, 1956, p. 15 apud SCHWARZ, 2007, p.2) O Brasil era um país, agrário, dividido em latifúndios, que dependia do trabalho escravo e do mercado externo, e esbanjava sua recente independência. O escravo, por ser uma propriedade, pode ser vendido, mas não despedido. Portanto, o trabalhador livre dá mais liberdade ao seu patrão, além de mobilizar menos capital. Para Schwarz, evidencia o limite que a escravidão opunha à racionalização produtiva. (SCHWARZ, 2007, p. 3)

Portanto, a escravidão advertia a impropriedade dos ideais liberais no Brasil. E esta possui suas raízes na história do país como um todo. E, de acordo com Schwarz, pode ser esquematizada da seguinte forma: “pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o “homem-livre”, na verdade dependente.”. (SCHWARZ, 2007, p. 15-16) Este “homem-livre” é dependente do *favor* dos proprietários, este *favor* é um “mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm.”. (SCHWARZ, 2007, p. 16-17) Portanto, para ter acesso aos bens e à vida material é necessário “cair na graça” de um proprietário. O agregado é, portanto, a sua caricatura. Sendo assim,

Esta cumplicidade sempre renovada tem continuidades sociais mais profundas, que lhe dão peso de classe: no contexto brasileiro, o favor assegurava às duas partes, em especial à mais fraca, de que nenhuma é escrava. Mesmo o mais miserável dos favorecidos via reconhecida nele, no favor, a sua livre pessoa, o que transformava prestação e contraprestação, por modestas que fossem, numa cerimônia de superioridade social, valiosa em si mesma. (SCHWARZ, 2007, p.20)

A população de *Dom Casmurro* é composta por uma *parentela*, uma característica marcante da sociedade brasileira tradicional. No centro está um proprietário, Dona Glória, que está rodeado por seus parentes e agregados à família, estes últimos são dependentes e estão mais ou menos atados aos caprichos e vontades deste proprietário. “A dominação toma a forma de autoridade paternal, e a subordinação, de respeito filial, ambas tingidas de devoção religiosa, já que o bom exemplo vem da relação com Deus Padre.” (SCHWARZ, 2007, p. 18)

Segundo Schwarz, os motivos católico-familiares não permitem tornar visíveis as razões de âmbito individual e econômico. Mas que, apesar de manter os reais motivos na

clandestinidade, estes não deixam de existir e de assumir a forma e estrutura do capitalismo e do liberalismo oitocentista. (SCHWARZ, 2007, p. 18) Entretanto, a “anomalia” social da escravidão, como chama Schwarz, não permite que o trabalhador assalariado tenha respeitabilidade e o priva de oportunidades, restringindo uma grande parte dos brasileiros pobres a buscar proteção em relações de clientela. Para Schwarz, a ordem social exposta no romance *Dom Casmurro*, nada mais é do que “um modelo reduzido da sociedade brasileira”. (SCHWARZ, 2007, p.19)

A figura do *agregado* no romance é representada por José Dias. Este termo ilustra que ele não possui nada que lhe garanta o direito de permanecer naquele núcleo familiar, mas vive por intermédio do “*favor* no espaço de uma família de posses, onde presta toda sorte de serviços”. (SCHWARZ, 2007, p.19) Este possui certa habilidade para conviver, ele “não abusava, e sabia opinar obedecendo”. (SCHWARZ, 2007, p 20)

Em todos os exemplos assistimos à conjugação da dependência pessoal com certo espetáculo de dignidade, alusivo ao estatuto do indivíduo livre na ordem burguesa moderna. [...] O fingimento salta aos olhos e tem de ser administrado a fim prevenir algum contravapor. Quando trata com os superiores, o agregado se desdobra em adulações, pois se faltar a simpatia podem não lhe reconhecer as fumaças de homem livre [...] Quando trata com os seus similares (para não dizer iguais, noção ausente de seu universo), põe ênfase máxima na dignidade, que se transforma no oposto autoritário e farsesco dela mesma, já que a sua garantia está no prestígio social da família dos protetores. (SCHWARZ, 1997, p. 21)

José Dias aprecia a face representativa da ordem, pois mantém uma alta estima pela gramática, pelo direito, pelas belas artes e pela história da pátria. Com sua gravata lavada e com o seu andar “vagaroso e rígido”, ele adora esbanjar a falar os seus superlativos, que lhe dão ar de grandes ideias. Ele almeja e engrandece a cultura dos seus senhores a ponto de esquecer o seu lugar. (SCHWARZ, 1997, p. 21-22.)

Há no romance uma gama de relações paternalistas variadas. Além do agregado e do proprietário, segundo Schwarz, pode se perceber as figuras dos escravos, dos vizinhos com obrigações, parentes pobres de diferentes graus, comensais e pessoas que conhecem a importância e a fortuna da família e almejam a sua proteção. “Trata-se de uma unidade numerosa e solta, o que Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mucambos*, descreve como a persistência da grande família rural da Colônia em condições de cidade e europeização oitocentista”. (SCHWARZ, 1997, p. 23.)

Um mecanismo que contribui para boa convivência entre esta grande unidade numerosa e solta, que mescla interesses e favores, está concentrado na dissimulação. A

dissimulação de Capitu, que na visão de Bentinho é admirada, mas que para o Dom Casmurro, o homem traído, é congênita e justifica sua infidelidade, também pode ser evidenciada na maior parte das personagens. No entanto, esses atos não ganham destaque na voz do narrador, eles não assumem uma conotação negativa e não mancham a índole e o caráter das personagens.

Durante a trama esses atos dissimulados são praticados para burlar suas crenças e seus conceitos morais em prol de seus objetivos pessoais e da boa convivência. Por exemplo, prima Justina mentiu que Bentinho já se encontrava em casa, quando na verdade desconhecia sua localização; José Dias omitiu que não tinha formação médica oficial, mas exercia a prática homeopática que não possui reconhecimento frente às academias de medicina. O próprio Bentinho articulou dissimuladamente sua recusa à promessa de ser padre de sua mãe, e contou com as artimanhas da Capitu e do seu melhor amigo Escobar para isso. Até mesmo Dona Glória, com a intenção de manter seu filho mais próximo, cumprir com a sua promessa e agradar a vontade do filho, acata enviar um órfão para o seminário no lugar do Bentinho, acreditando que assim estaria sendo condizente com a sua fé cristã ao cuidar do órfão e cumprindo com a sua promessa. Tudo isso, é claro, com a benção dos bispos da igreja.

Um aspecto importante para compreender a constituição desta classe de proprietários é a estrutura da economia colonial que se concentrava, sobretudo, no capital mercantil. As classes inferiores não possuíam recursos financeiros para investir em atividades mais complexas, e mantêm os agentes vinculados a esse capital no topo da hierarquia, estabelecendo uma diferenciação social, que é importante para a noção de acumulação capitalista. (SILVA, 2018, p. 6-7) A hegemonia do capital mercantil gerou, sobretudo, uma “contínua expropriação de excedentes, permitindo o aparecimento de uma sociedade diferenciada e com poucas possibilidades de elevação social”. (FRAGOSO; FLORENTINO, 1998, p.104 *apud* SILVA, 2018, p. 7)

Aquela elite mercantil, dona de muitas das empresas comerciais que são passadas de geração em geração, começava, no entanto, após algumas décadas a abandonar o setor mercantil e seus membros a se tornarem rentistas urbanos ou senhor de terras – este último provavelmente em busca de estabilidade do montante já acumulado através do comércio. Já no início do século XIX, havia muitos compradores de imóveis urbanos, cujo investimento era realizado por meio de capital mercantil, que era desviado do investimento em produção. Este último seria responsável por multiplicar a riqueza por meio da reprodução do capital, enquanto aquele a esterilizava. (FRAGOSO; FLORENTINO, 1998 *apud* SILVA, 2018, p. 7)

Esta elite mercantil viveu a transformação dos grandes centros, e presenciou a urbanização cada vez mais acentuada, vivendo dos aluguéis dos conjuntos, prédios e outros imóveis: "Com o início da industrialização e a intensificação do comércio interno, portanto, a população passou a se concentrar cada vez mais nestes centros urbanos, locais centrais da cultura, infra-estrutura, transportes, e trabalho." (SILVA, 2018, p. 8)

A sociedade oitocentista deixa de ser uma aristocracia rural para se converter em uma sociedade urbana. Este proprietário passa possuir bens urbanos (CELIDONIO, 2006, p. 62-63), como a Dona Glória, uma fazendeira, que ao perder o seu marido, deixou a cidade de Itaguai e "Vendeu a fazendola e os escravos, comprou alguns que pôs ao ganho ou alugou, uma dúzia de prédios, certo número de apólices, e deixou-se estar na casa de Matacavalos, onde vivera os dois últimos anos de casada." (ASSIS, 2017, p. 58)

A perspectiva religiosa e a moral deste tempo também sofrem mudanças. Machado, com sua habilidade para adentrar nas engrenagens sociais, percebe que a moeda corrente da troca capitalista altera as percepções morais e religiosas da época, a relação com Deus se estabelece por intermédio de uma negociação. Ao hesitar em romper com a promessa de colocar seu filho no seminário, Dona Glória, que é religiosa e teme a Deus, deixa Bentinho, seu filho, apreensivo em busca de um modo de pagar a dívida contraída: "Quisera um modo de pagar a dívida contraída, outra moeda, que valesse tanto ou mais, e não achava nenhuma." (ASSIS, 2017, p. 144.) Neste sentido, a promessa de Dona Glória pode ser barganhada, pois equivale a uma dívida, um montante de dinheiro, que pode ser pago ou trocado por outra moeda. (CELIDONIO, 2006, p. 62-63)

2.2 A CASA DO ENGENHO NOVO: ASPECTOS CULTURAIS E SOCIAIS QUE ELA REPRESENTA

Outro aspecto importante de ressaltar neste período, que também compõem uma configuração importante desta absorção de ideias estrangeiras que não se enquadram no contexto social brasileiro, é a transformação arquitetônica.

A transformação arquitetônica era superficial. Sobre as paredes de terra, erguidas por escravos, pregavam-se papéis decorativos europeus ou aplicavam-se pinturas, de forma a criar a ilusão de um ambiente novo, como os interiores das residências dos países em industrialização. Em certos exemplos, o fingimento atingia o absurdo: pintavam-se motivos arquitetônicos greco-romanos pilastras, arquitraves, colunatas, frisas etc. com perfeição de perspectiva e sombreamento, sugerindo uma ambientação neoclássica jamais realizável com as técnicas e materiais disponíveis no local. Em outros, pintavam-se janelas nas paredes, com vistas sobre ambientes do Rio de Janeiro, ou da Europa, sugerindo um exterior longínquo, certamente diverso do real,

das senzalas, escravos e terreiros de serviço. (REIS *FILHO*, Manuscrito, p. 14-15, *apud* SCHWARZ, 2007, p. 10.)

Em *Dom Casmurro*, o estilo arquitetônico fica evidente na descrição da sua casa no Engenho Novo, que foi construída e reformada com base na casa em que passou sua infância na Rua Matacavalos, em que, “naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas.” (ASSIS, 2017, p. 50)

[...] lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as toma nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massimissa, com os nomes por baixo.... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; [...] (ASSIS, 2017, p. 50.)

Segundo Gledson, a representação destes imperadores não soa casual, estando relacionada com o arranjo político do Império, e lembra o período regencial. A família Santiago veio para o Rio de Janeiro em 1840. Na década anterior, 1830, para alguns historiadores, este ano pode ser considerado um período de experimento republicano. Portanto, esta referência das figuras e pinturas dos imperadores rememora este tempo de turbulência. (CELIDONIO, 2006, p. 191)

Nesse ponto do romance, se o leitor associar tais figuras aos anos de 1830, poderá muito bem dispor a lhes dar uma interpretação política. Os três imperadores a fundação, o apogeu e o abuso ou declínio do Império [...] Em um sentido, então, essas figuras representam o arranjo político do Império que caracterizamos sob o termo genérico de "Conciliação" - um poder que é completo, que pode ser justificado e até admirável -ou pode ser abusivo. (GLEDSON, 1991, 137 *apud* CELIDONIO, p. 191)

Por outro lado, Celidonio afirma que esta representação pode estar simbolicamente associada com a noção de poder e autoridade do pai. Pois, ao retornar para sua antiga casa de infância está não o reconheceu, porque quem habitou nela foi um sujeito fraco, inseguro e sentimental. E a sua reconstrução em outro lugar, no Engenho Novo, indica a sua necessidade de reconhecimento da sua autoridade e voz. (CELIDONIO, 2006, p. 191-193) Neste sentido, a casa do Engenho Novo possui a função de manter e valorizar "um tempo de uma estrutura familiar onde a norma patriarcal continuava a vigorar mesmo na ausência de um pai, um pai que, no século XIX, investia-se de total autoridade, não só sobre a família, como também sobre criados, escravos e agregados". (CELIDONIO, 2006, p.194) Este acervo, que mantinha todos os símbolos da

autoridade masculina, era aberto para a visitação feminina. (CELIDONIO, 2006, p.193-194)

Vivi o melhor que pude sem me faltarem amigas que me consolassem da primeira. Caprichos de pouca dura, é verdade. Elas é que me deixavam como pessoas que assistem a uma exposição retrospectiva, e, ou se fartam de vê-la, ou a luz da sala esmorece. Uma só dessas visitas tinha carro à porta e cocheiro de libré. As outras iam modestamente, calcante pede, e, se chovia, eu é que ia buscar um carro de praça, e as metia dentro, com grandes despedidas, e maiores recomendações.

— Levas o catálogo?

— Levo; até amanhã.

— Até amanhã.

Não voltavam mais. Eu ficava à porta, esperando, ia até à esquina, espiava, consultava o relógio, e não via nada nem ninguém. Então, se aparecia outra visita, dava-lhe o braço, entrávamos, mostrava-lhe as paisagens, os quadros históricos ou de gênero, uma aquarela, um pastel, uma gouache, e também esta cansava, e ia embora com o catálogo na mão... (ASSIS, 2017, p. 244.)

Segundo Celidonio, o Casmurro se portava como um museólogo que almeja expor seu grande acervo sobre a autoridade masculina em sua casa. As mulheres que lá iam todas tinham um nível social inferior ao dele, somente uma mulher não ia a pé, demonstrando que o homem que ali residia era superior a elas e, acrescido do acervo que lá encontravam, elas não retornavam mais. Sendo mulheres, símbolo da república, não tinha nada em comum com esse ambiente monarquista. Os tempos mudaram e as mulheres também, elas já não são submissas como nos "velhos tempos". (CELIDONIO, 2006, p.198)

3 UM OLHAR SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO MÉDICO CIENTÍFICO EM DOM CASMURRO

Em *Dom Casmurro*, Machado deixa transparecer uma noção sobre o discurso médico da época. Assunto de algumas de suas crônicas, Machado, que articula certas minuciosidades entre os seus trabalhos, retoma a cidade de Itaguaí em *Dom Casmurro*. Esta referência à cidade de Itaguaí associa-se a Casa Verde e ao Dr. Simão Bacamarte, que coloca em pauta o tema do tratamento dos insanos pela psiquiatria do século XIX. Neste segundo capítulo, pretendo analisar a representação do discurso médico no romance e compreender de que forma a concepção médica do período contribuía para delimitar uma nova definição dos papéis sociais.

A Escola de Medicina no Rio de Janeiro também é mencionada por Machado de Assis em *Dom Casmurro*. Longe de exaltar as propriedades desta ciência tão valorizada e tão em voga no dado período, Bentinho ressalta que, nos seus devaneios sobre a intervenção do Imperador sobre sua ida para o seminário, na esperança da providência de uma maior autoridade e poder que submeteria a vontade da sua mãe, Dona Glória, sua exaltação nada tem a ver com a qualidade desta ciência, mas sim com a proximidade. Pois, ir para São Paulo, no que se refere ao estudo de Direito, não seria de todo ruim, mas a Europa seria o fim.

[...] Então o Imperador [...]— pedia a minha mãe que me não fizesse padre, — e ela, lisonjeada e obediente, prometia que não.

— A Medicina, — por que lhe não manda ensinar Medicina?

— Uma vez que é do agrado de Vossa Majestade...

— Mandê ensinar-lhe Medicina; é uma bonita carreira, e nós temos aqui bons professores. Nunca foi à nossa Escola? É uma bela Escola. Já temos médicos de primeira ordem, que podem ombrear com os melhores de outras terras. A Medicina é uma grande ciência; basta só isto de dar a saúde aos outros, conhecer as moléstias, combatê-las, vencê-las... A senhora mesma há de ter visto milagres. Seu marido morreu, mas a doença era fatal, e ele não tinha cuidado em si... É uma bonita carreira; mande-o para a nossa Escola. Faça isso por mim, sim? Você quer, Bentinho? — Mamãe querendo... — Quero, meu filho. Sua Majestade manda. Então o Imperador dava outra vez a mão a beijar, e saía, acompanhado de todos nós, a rua cheia de gente, as janelas atonetadas, um silêncio de assombro; o Imperador entrava no coche, inclinava-se e fazia um gesto de adeus, dizendo ainda: "A Medicina, a nossa Escola." E o coche partia entre invejas e agradecimentos.

Terás entendido que aquela lembrança do Imperador acerca da Medicina não era mais que a sugestão da minha pouca vontade de sair do Rio de Janeiro. Os sonhos do acordado são como os outros sonhos, tecem-se pelo desenho das nossas inclinações e das nossas recordações. Vá que fosse para São Paulo, mas

a Europa... Era muito longe, muito mar e muito tempo. Viva a Medicina! Iria contar estas esperanças a Capitu. (ASSIS, 2017, p. 89)

Com uma visão um tanto cética sobre a medicina do seu tempo, José Dias, que recusa firmemente a opção de Bentinho de se ater à ciência da Medicina, é uma personagem fundamental para compreender a representação do discurso médico no romance. Além de iniciar seu relacionamento com a família Santiago se autointitulando médico homeopata, com um Manual e uma botica debaixo do braço, José Dias possui uma posição bastante particular sobre o assunto, e deixa evidente, no início do romance, que o mesmo valoriza a perspectiva médica do ângulo homeopático e negligencia a escola alopática que está atrelada e institucionalizada nas academias.

No século XIX, o Rio de Janeiro possuía um enorme destaque na produção científica de conhecimentos médicos e assuntos vinculados à área da Saúde, grande polo urbano do Brasil oitocentista, este era o centro político e cultural do período. Uma importante revista da época, *Sciencia*, que era impressa pela Typographia Universal de Laemmert, no Rio de Janeiro, promovia uma discussão sobre o embate entre homeopatia e alopatia no dado período. Esta revista, que se estruturava na ciência, na razão e na religião, teve sua primeira impressão em julho de 1847, e possuía como foco defender a homeopatia à elite brasileira, porque “esta moderna forma de medicação resumia toda a inovação científica”. (MOTA; ALBUQUERQUE, 2018, p. 72.)

Entretanto, esta perspectiva homeopática encontrou uma forte resistência no Brasil imperial, pois, após a independência na década de 30, se constituiu uma corporação médica que representava e detinha o saber científico e o poder de curar. “Este processo de centralização de poder por parte dos médicos denominados ‘verdadeiros’ foi intensificado com a fundação das Escolas e Faculdades de Medicina, em 1832, e com a criação da Academia Imperial de Medicina no Rio de Janeiro, em 1835”. (MOTA; ALBUQUERQUE, 2018, p. 77.)

Esses médicos institucionalizados possuíam um “sentimento aristocrático”, pois eles pertenciam à classe social elitizada brasileira. Estas duas instituições, a Academia Imperial de Medicina e a Faculdade de Medicina, inviabilizaram a disseminação da prática homeopática, pois, para os autores do periódico, *Sciencia*, elas “visavam impedir bem como menosprezar a ciência médica de Hahnemann, relegando aos indivíduos praticantes da homeopatia a imagem de “charlatões” e de “figuras indesejáveis de hábitos e moral duvidosos””. (LUZ, 2013, p. 81-82 *apud* MOTA; ALBUQUERQUE, 2018,

p.77.) Dentre algumas ações mais efetivas estão: “o impedimento da institucionalização das Faculdades Homeopáticas, impossibilitando o ensino oficial da homeopatia; e a criação de leis que asseguravam a exclusividade da prática médica apenas pelos graduados na Faculdade de Medicina”. (LUZ, 2013 apud MOTA; ALBUQUERQUE, p.78.)

A personagem de José Dias, em certo sentido, representa essa perspectiva homeopática, pois, além de ter se inserido na família Santiago como um “charlatão”, um homem que não possui poder legítimo para curar e exercer a medicina, que traz com ele apenas um Manual e uma botica, defende a ciência homeopática com todas as suas forças, reforçando o quão limitada é a visão científica institucionalizada pelas academias de medicina do Rio de Janeiro. No trecho abaixo, ao tentar persuadir Bentinho de que a Medicina não é um bom caminho, ele expõe claramente sua opinião sobre estas instituições:

— Posso estudar Medicina aqui mesmo.

José Dias correu os dedos pelos suspensórios com um gesto de impaciência, apertou os beiços, até que formalmente rejeitou o alvitre.

— Não duvidaria aprovar a idéia, disse ele, se na Escola de Medicina não ensinassem, exclusivamente, a podridão alopatia. A alopatia é o erro dos séculos, e vai morrer; é o assassinato, é a mentira, é a ilusão. Se lhe disserem que pode aprender na Escola de Medicina aquela parte da ciência comum a todos os sistemas, é verdade; a alopatia é erro na terapêutica. Fisiologia, anatomia, patologia, não são alopáticas nem homeopáticas, mas é melhor aprender logo tudo de uma vez, por livros e por língua de homens cultores da verdade... (ASSIS, 2017, p. 127)

Em seu leito de morte José Dias expõe outro ponto de vista sobre a medicina da época ao optar por uma escola contrária ao seu gosto, alegando que foi a efemeridade da juventude que o fez defender a homeopatia, e volta atrás em sua opinião sobre alopatia.

[...] A doença foi rápida. Mandei chamar um médico homeopata.

— Não, Bentinho, disse ele; basta um alopatia; em todas as escolas se morre. Demais, foram idéias da mocidade, que o tempo levou; converto-me à fé de meus pais. A alopatia é o catolicismo da Medicina...

Morreu sereno, após uma agonia curta (ASSIS, 2017, p. 240)

O embate entre estas duas perspectivas médicas contribuiu para aumentar a necessidade de controle sobre a prática médica da época, e acabou por concretizar uma

discussão de um projeto de lei de saúde pública na Academia de Medicina. Mas, somente a partir de 1851 que o governo cria a Junta de Higiene Pública. (ROHDEN, 2001, p. 70) Tudo corroborou para uma parceria entre o Estado e a medicina, uma medicina social e preventiva ganha destaque durante o século XIX. Portanto, “O médico deve atuar vigiando as causas das doenças e protegendo os indivíduos contra o que possa interferir no seu bem-estar físico e moral.”. (ROHDEN,2001, p. 69-70.) Esta noção de política médica, que por vezes é mencionada na produção científica e nos textos médicos da época, visa proteger o indivíduo física e moralmente dos perigos que a vida em sociedade pode engendrar. Com isso, se garantia a saúde, mas principalmente a segurança pública. (ROHDEN, 2001, p. 71)

A intervenção médica ganhou espaço e se consolidou na medida em que o ensino e a produção médica se tornaram mais regular. E a partir dos anos 70, “o perfil e a produção científica das escolas começam a mudar, com a criação de novas publicações, cursos e grupos de discussão.”. (ROHDEN, 2001, p. 71) O período áureo da medicina brasileira se deu uma década depois. Em grande parte, um dos fatores que contribuíram para o seu sucesso foi a reforma do ensino médico empreendida por Visconde de Sabóia, o então diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro vai empreender modificações e colocar a reforma em andamento. “Entre 1881 e 1889 assiste-se a uma remodelação do ensino, dos costumes e das instalações da faculdade carioca, em uma época em que também progredem o conhecimento e o prestígio médico.”. (ARAUJO, 1982 *apud* ROHDEN, p. 71)

Como resultados desse movimento, além da reforma do ensino, ocorreram as reformulações da legislação sanitária de 1882 e 1884, a criação da Policlínica do Rio de Janeiro, em 1882, do Instituto Pasteur do Rio de Janeiro, em 1888 e os primeiros congressos médicos nacionais, em 1888 e 1889. Além disso, entrava em cena uma crítica à chamada medicina oficial, expressa principalmente na relação entre a Academia Nacional de Medicina e o Estado. Começa a se formar uma rede institucional alternativa. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, criada em 1886, seria um dos elementos mais importantes nessa rede. Essa sociedade pretendia criar um espaço para o debate médico livre das pressões que sofria a academia devido à sua ligação com a Monarquia, além de ser muito mais flexível ao ingresso de novos membros. Mas em pelo menos um ponto se aproximava da Academia Imperial de Medicina: a utilização do pertencimento à entidade como um meio para se ocupar uma posição na elite médica. (ROHDEN, 2001, p. 71)

Além disso, a produção científica e a imprensa médica passam por uma fase de expansão, evidenciando o aparecimento de novos periódicos, como o *Brazil Médico*, em 1887, vinculado à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tudo isso nos dá indício das

mudanças e transformações que a medicina brasileira sofre no final dos oitocentos. (ROHDEN, 2001, p. 71)

Trilling rejeita a noção de uma crítica literária que busca explicar a literatura partindo de uma realidade extraliterária. Todavia, ele acredita que a literatura é moldada pela cultura na qual está inserida e faz parte, e que, portanto, pode ser uma fonte que nos ajuda a compreender essa cultura. (SILVA, 2018, p. 147.) “A relação entre literatura e cultura parece-me fundamental para pensar uma análise das obras literárias não apenas que leve em conta tanto sua literalidade quanto sua historicidade, mas, sobretudo que considere a historicidade como parte inerente à forma.”. (SILVA, 2018, p. 147)

A partir do conceito de cultura de Clifford Geertz, que compreende a cultura como uma rede de significados que possui uma linguagem própria, onde os signos são compartilhados por aqueles que fazem parte dela, pretendo interpretar o romance de Machado como um texto que faz parte de um texto maior, da cultura que o cerca. O romance aqui não é analisado como reflexo de uma realidade social extraliterária. Neste sentido, compreendo que o romance possui uma relação com outros aspectos culturais, mas não significa afirmar que ele represente uma realidade além da sua própria realidade literária.

Dom Casmurro, portanto, faz parte da cultura de sua época e é uma importante fonte para compreender o Brasil oitocentista. Por meio dele, podemos analisar e interpretar aspectos inerentes à cultura brasileira levando em consideração sua literalidade e, sobretudo, sua historicidade. É perceptível uma mudança na posição da personagem Jose Dias sobre a alopatia, uma escola contrária àquela que defendeu durante toda a sua vida, a homeopatia, e passou a defender que “a alopatia é o catolicismo da Medicina”. Tal mudança está relacionada com as transformações que ocorriam na medicina brasileira no final do século XIX, com as novas produções científicas e os novos periódicos.

3.1 A NATUREZA E A SUA GRANDE EVIDÊNCIA: UM OLHAR SOBRE COMO O DISCURSO MÉDICO É ASSIMILADO POR BENTO SANTIAGO

A natureza foi a grande prova que Dom Casmurro teve para duvidar da paternidade de Ezequiel. Seus olhos, seu rosto, seu semblante revelavam a sua verdadeira paternidade. O determinismo biológico, portanto, é um importante senso para a personagem, pois, palavras omitem a verdade, mas não a ciência. A natureza revela o que

a Capitu omitiu. Tal perspectiva fica evidente na passagem em que Bento confronta Capitu e nega a paternidade de Ezequiel, onde ambas as personagens acabam por se deparar com o retrato do defunto, Escobar, na parede.

Palavra que estive a pique de crer que era vítima de uma grande ilusão, uma fantasmagoria de alucinado; mas a entrada repentina de Ezequiel, gritando: — "Mamãe! mamãe! é hora da missa!" restituiu-me à consciência da realidade. Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez a confusão dela fez-se confissão pura. Este era aquele; havia por força alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel. De boca, porém, não confessou nada; repetiu as últimas palavras, puxou do filho e saíram para a missa. (ASSIS, 2017, p. 236)

Segundo Fabíola Rohden, a medicina legal era utilizada como um método para averiguar desde crimes até questões pertinentes à paternidade. "A medicina legal deveria ser chamada não só para estabelecer a verdade sobre um crime, mas também para orientar e regular a época do casamento e da maioridade, a legitimidade dos filhos, o direito de paternidade etc." (ROHDEN, 2001, p. 69) Portanto, a ciência, a natureza, a biologia, são as provas irrefutáveis que Bentinho possui para afirmar que ele não é o pai de Ezequiel. No trecho abaixo ele afirma que não era desejo dele duvidar dela, mas a natureza jurava por si:

Capitu respondeu que ouvira choro e rumor de palavras. Eu creio que ouvira tudo claramente, mas confessá-lo seria perder a esperança do silêncio e da reconciliação; por isso negou a audiência e confirmou unicamente a vista. Sem lhe contar o episódio do café, repeti-lhe as palavras do final do capítulo.

— O quê? perguntou ela como se ouvira mal.

— Que não é meu filho.

Grande foi a estupefação de Capitu, e não menor a indignação que lhe sucedeu, tão naturais ambas que fariam duvidar as primeiras testemunhas de vista do nosso foro. Já ouvi que as há para vários casos, questão de preço; eu não creio, tanto mais que a pessoa que me contou isto acabava de perder uma demanda. Mas, haja ou não testemunhas alugadas, a minha era verdadeira; a própria natureza jurava por si, e eu não queria duvidar dela. Assim que, sem atender à linguagem de Capitu, aos seus gestos, à dor que a retorcia, a coisa nenhuma, repeti as palavras ditas duas vezes com tal resolução que a fizeram afrouxar. (ASSIS, 2017, p. 234)

Por outro aspecto, Celidonio afirma que Dom Casmurro busca ressaltar que Escobar usurpou Capitu, tal como ele mesmo sonhou em fazer com Sancha, esposa de Escobar, ao pensar nela como a bela estranha; mas ele, ao contrário de Escobar, negligenciou esses instintos. E também observa que, conseqüentemente, ele usurpou a paternidade de Ezequiel. No entanto, segundo Celidonio, o propósito de tal ação é

denunciar e reforçar na memória dos leitores o golpe de estado que deu o poder aos republicanos, roubando o poder de D. Pedro II. (CELIDONIO, 2006, p. 205)

Tendo em vista o processo de urbanização, o século XIX presenciou uma intensa migração das zonas agrícolas e rurais para os centros urbanos, o que acabou por ocasionar um aglomerado populacional. O surgimento da medicina intervencionista no Brasil oitocentista está atrelado aos interesses do Estado em controlar esta população desordenada que habitava essas cidades emergentes. Os médicos lançam a estratégia da medicina higiênica, onde as “condutas físicas, moral, intelectual, sexual e social passam a ser avaliadas com rigor e se transformam em objeto de ordenações prescritivas.” (ROHDEN, 2001, p. 81) E o alvo preferido é a família, há um esforço por parte da medicina para tentar mudar os papéis sociais dos membros da família, "a mulher e os filhos, que, assim como outros agregados, eram considerados seres irresponsáveis e portanto necessariamente obedientes ao pai, tornam-se indivíduos com atributos e responsabilidades proporcionais a sua idade e a seu sexo".(ROHDEN, 2001, p. 81)

Na família, o pai não era mais simplesmente o proprietário da mulher e crianças, mas um agente da higienização, assumindo a responsabilidade na educação dos filhos, o que não significa que o poder patriarcal perdesse lugar. A figura da mãe higiênica representava um novo estatuto para as funções da mulher, mas ela não deixava de estar sob os auspícios da autoridade do marido. A diferença é que agora ambos tinham um agente externo, o médico, que ditava as normas para o sucesso da família. (ROHDEN, 2001, p. 82)

Michel Foucault destaca a importância do papel da medicina social na subjetivação do ser humano. A subjetivação se refere à própria construção do sujeito, que busca compreender e agir, baseado em diferentes racionalidades e sentimentalidades que possui, sobre as expectativas, ações, visões de mundo etc.. (ARCHANJO, 2017) Este sujeito recebe influências da medicina social que está concentrada no campo do saber e produz, em conjunto com as mecânicas disciplinares e as biopolíticas do poder, um poder-saber que abarca desde os corpos individuais até a população como um todo. (POGREBINSCHI, 2004, 197) Está medicina social, que se fundamenta no saber científico, atua em toda a população, mexendo com a suas sensibilidades, alterando valores sobre a higienização e visa fomentar uma identidade sanitária. (ARCHANJO, 2017) Neste sentido, a medicina adentrou em espaços antes ditos privados e individuais, engendrando uma nova maneira de agir e pensar; normatizando os costumes, o discurso médico ganha cada vez mais destaque e abarca desde projetos arquitetônicos e urbanísticos até o cotidiano das pessoas, seu discurso ganham um tom de verdade. Com

isso, a medicina visava instaurar, por intermédio da secularização dos costumes, uma sociedade civilizada e higiênica. (HERSCHMANN,1994, p. 41 apud ARCHANJO, 2017)

Então, ao *medicalizar* a sociedade se estaria, por conseguinte, civilizando-a. A medicalização, segundo Foucault, por tanto, para analisar a maneira como a medicina influencia em quase todos os aspectos da vida, não se restringindo apenas ao corpo, mas também nas condutas e nos comportamentos humanos; tais como a maneira de se vestir, a maneira de comer, a forma de construir suas residências etc. (ARCHANJO, 2017) Alcançando os mecanismos mais íntimos que vislumbram na cotidianidade popular.

Portanto, Bento Santiago, está apenas disseminando o conhecimento que já predomina dentro da sua casa. A ciência e a natureza são as suas grandes evidências sobre o adultério de Capitu e sobre a verdadeira paternidade de Ezequiel. Esse discurso médico já circula no âmbito cotidiano da família Santiago, que além de possuir em sua *parentela*, um médico homeopata, ou por ter suas raízes na cidade de Itaguaí, foco da medicina e da ciência do Dr. Bacamarte, assimila as normatizações estabelecidas pelo conhecimento médico.

Segundo Foucault, é no século XIX que a mulher ganha maior destaque na conduta médico-social. (ROHDEN, 2001, p. 30) E a mulher ganha esse destaque no projeto higiênico, pois está diretamente associada com a reprodução e o cuidado com os filhos. O seu corpo passa a ser objeto de estudo e se institucionaliza uma medicina voltada para a mulher e a reprodução, que visa demarcar a diferença baseada no sexo. (ROHDEN, 2001, p. 83) Tal análise será mais bem elaborada no próximo capítulo.

4 D. GLÓRIA E CAPITU: UM OLHAR SOBRE A FIGURA FEMININA NA LITERATURA QUE PERPASSA PELO IMAGINÁRIO DA MONARQUIA E DA REPÚBLICA NO DISCURSO MÉDICO OITOCENTISTA

“pode o subalterno, como tal, de fato, falar? [...] O subalterno como um sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido” Gayatri Spivak⁶

Neste terceiro capítulo, procuro me debruçar sobre o corpo feminino e o impacto da medicina em promover um discurso que redefina os papéis sociais, estabelecendo o que Fabíola Rohden chama de "ciência da diferença". Sobretudo, vou traçar um quando comparativo entre as duas principais personagens femininas da obra, D. Glória e Capitu, analisando o modo como Machado de Assis constrói essas duas personagens e as diferencia em seus comportamentos e ações, com o intuito de valorizar a figura de D. Glória, pois esta preserva os valores culturais do patriarcado, e desvalorizar a Capitu, que é silenciada por representar e simbolizar o sistema republicano, com a toda a sua dissimulação e tendência para a traição.

Segundo Sergio Buarque de Holanda, no Brasil colônia, a família possui seus padrões baseados em modelos clássicos do direito romano-canônico, nesta perspectiva, a autoridade do *pater-familias* submetia todos os membros do núcleo familiar aos desígnios e desejos do patriarca. (CELIDONIO, 2006, pg. 82)

Mas, historicamente, o século XIX presenciou grandes mudanças e transformações que contribuíram para iniciar uma crise na sociedade patriarcal. Segundo Schwarz, Machado de Assis foi um grande romancista e inovador, que sabia "que toda *representação* comporta um elemento de *vontade* ou *interesse*, o dado oculto a examinar, o *indício da crise da civilização burguesa*". (SCHWARZ, 1997, p. 87.)

Capitu gosta de se divertir, rir e ser vista. Bentinho afirma que nos passeios ou espetáculos ela era como um pássaro que saía da gaiola. Sempre se vestia com graça, mas ao mesmo tempo com modéstia, mesmo apreciando joias, como outras moças, ela não fazia questão de muitas e nem que fossem caras. Reconhece e valoriza a sua beleza, e também gosta de ser admirada, vista.

Bentinho, por outro lado, é um homem ciumento e desde menino apresentou inúmeras crises de ciúmes. Para Schwarz, é cabível afirmar que "o ciumento da Glória já

⁶ SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

existia pronto e acabado no menino de Matacavalos". (SCHWARZ, 1997, p. 87.) Segundo o autor, o ciúme de Bento Santiago nada mais é do que uma "convulsão" da crise da sociedade patriarcal. Portanto, "o bacharel com bela cultura, o filho amantíssimo, o marido cioso, o proprietário abastado, [...] o cavalheiro belle époque — ficava ele próprio sob suspeição, credor de toda a desconfiança disponível.". (SCHWARZ, 1997, p. 87.)

Atrás da agitação sentimental de primeiro plano, Gledson identifica a presença de interesses propriamente sociais, ligados à organização e à crise da ordem paternalista. Em lugar do novo Otelo, que por ciúme destrói e difama a amada, surge um moço rico, de família decadente, filho de mamãe, para o qual a energia e liberdade de opinião de uma mocinha mais moderna, além de filha de um vizinho pobre, provam intoleráveis. Neste sentido, os ciúmes condensam uma problemática social ampla, historicamente específica, e funcionam como convulsões da sociedade patriarcal em crise. (SCHWARZ, 1997, p. 11)

Os braços de Capitu recebem uma atenção especial do narrador, com direito a um capítulo. Eles "eram belos, e na primeira noite que os levou nus a um baile, não creio que houvesse iguais na cidade" (SCHWARZ, 1997, p. 11). Mas, ao perceber que "os homens não se fartavam de olhar para eles, de os buscar, quase de os pedir, e que roçavam por eles as mangas pretas" (ASSIS, 2017, p. 196), ele ficou aborrecido. Quando sentiu ciúmes, ele tentou argumentar que Sancha usava mangas cumpridas nos bailes, pois o contrário seria indecente, mas ela rapidamente argumenta que a amiga não tinha braços bem feitos, por isso não os mostrava, diferente dela. Mas, acatando aos desejos do marido, Capitu não foi ao baile, porém em outros ela foi e usou vestidos de escumilha, que não cobriam nem descobriam por completo os seus braços. Tal artimanha mostra que Capitu compreende como funcionam as engrenagens da sociedade na qual está inserida, sem desobedecer ao poder e a autoridade do marido ela encontra, em pequenos gestos e atos, uma brecha para se libertar do engessamento comportamental ao qual era submetida.

No mais, tudo corria bem. Capitu gostava de rir e divertir-se, e, nos primeiros tempos, quando íamos a passeios ou espetáculos, era como um pássaro que saísse da gaiola. Arranjava-se com graça e modéstia. Embora gostasse de jóias, como as outras moças, não queria que eu lhe comprasse muitas nem caras, e um dia afligiu-se tanto que prometi não comprar mais nenhuma; mas foi só por pouco tempo.

A nossa vida era mais ou menos plácida. Quando não estávamos com a família ou com amigos, ou se não íamos a algum espetáculo ou serão particular (e estes eram raros), passávamos as noites à nossa janela da Glória, mirando o mar e o céu, a sombra das montanhas e dos navios, ou a gente que passava na praia. Às vezes, eu contava a Capitu a história da cidade, outras dava-lhe notícias de astronomia; notícias de amador que ela escutava atenta e curiosa, nem sempre tanto que não cochilasse um pouco. Não sabendo piano, aprendeu depois de casada, e depressa, e daí a pouco tocava nas casas de amizade. Na Glória era uma das nossas recreações; também cantava, mas pouco e raro, por não ter voz; um dia chegou a entender que era melhor não cantar nada e cumpriu o alvitre.

De dançar gostava, e enfeitava-se com amor quando ia a um baile; os braços é que... Os braços merecem um período. (ASSIS, 2017, p. 197)

Ela é uma mulher inteligente, que depois de casada aprendeu a tocar piano rapidamente, e se fez bem quista nas celebrações e eventos sociais, além de demonstrar curiosidade sobre a história da cidade e sobre a astronomia. Quando menina, segundo Schwarz, ela satisfaz aos quesitos da individuação, ela "sabe a diferença entre compensações imaginárias e realidade, e não tem apreço pelas primeiras.". (SCHWARZ, 1997, p. 24) Em um país que preza pelo sentimentalismo, ao fazer uso da razão, ela acaba transgredindo os limites culturais do paternalismo ao transitar em um universo considerado masculino. Neste sentido, a menina travessa acaba ferindo a ordem, tanto familiar quanto social, se transformando em um elemento de desordem. (CELIDONIO, 2006, p. 93)

Na perspectiva médica, é durante a puberdade que se inicia um processo que envolvia uma série de condições, que se não fossem bem administradas, as influências do meio cultural e social poderiam prejudicar ou impedir que homens e mulheres chegassem ao resultado esperado, que englobava o amadurecimento das aptidões sexuais e reprodutivas. (ROHDEN, 2001, p. 226) “Os debates sobre sexo e papéis sexuais, por exemplo, especialmente no século XIX, se concentram nos modos pelos quais as fronteiras sexuais podem ser borradas.”. (ROHDEN, 2001, p. 226) Portanto, os médicos deste período concentravam sua atenção na feminização do homem e na masculinização da mulher, enquanto o primeiro era representado pela homossexualidade o segundo seria o resultado do trabalho físico e mental em excesso. (ROHDEN, 2001, p. 223)

A vida nas cidades, a frequência a bailes, a leitura de romances e, especialmente, a educação ‘exagerada’, poderiam corromper a natureza de uma menina e impedi-la de chegar a se tornar uma mulher ‘perfeita’, o que se traduzia, sobretudo, na capacidade de ser mãe. Nesse caso, os prejuízos se dariam tanto no plano moral, a partir da influência de ideias emancipatórias que elas viessem a assumir, quanto no plano físico, implicando em perturbações em toda a sua economia corporal. Na puberdade, todas as energias do organismo feminino precisariam ser direcionadas para a boa formação dos órgãos reprodutivos. A educação exigiria um grande esforço por parte das meninas, que não eram ‘naturalmente’ dotadas para o desenvolvimento intelectual. Com isso, todas as energias que deveriam servir para o amadurecimento da capacidade reprodutiva eram redirecionadas para o cérebro. Como resultado, as jovens que se dedicavam aos estudos jamais chegariam a se tornar mulheres capazes de procriar um bom número de filhos saudáveis, colocando em risco o que era tido como o seu destino natural, a maternidade. Embora muito se esforçassem, também nunca chegariam a grandes feitos intelectuais, já que não tinham os atributos naturais para tanto. (ROHDEN, 2001, p. 222)

Portanto, a diferença sexual, apesar de ser considerada natural, como uma condição biológica predeterminada, no discurso médico ela também é considerada mutável, sendo manifestada e adquirida na puberdade, e não no nascimento. No nascimento, pouca ou nenhuma diferença existe entre os sexos. Neste sentido, a cultura pode perverter e distorcer a sexualidade. (ROHDEN, 2001, p. 224.)

Por outro lado, "as mulheres, especialmente as acometidas de algum mal como a loucura, a prostituição, a prática de crimes como o aborto ou infanticídio, eram consideradas muito mais vítimas da falta de tutela do que seres responsáveis por seus atos." (NUNES, 1991, p. 57 *apud* ROHDEN, 2001, p.83) Segundo Silvia Nunes,

A 'infantilidade' das mulheres era a justificativa para a necessidade de uma vigia constante. Mas, nas últimas décadas do século passado, o pensamento médico começa a enfatizar a periculosidade natural do sexo feminino, bem ao gosto das ideias vinculadas ao modelo da degeneração. A degeneração convertia-se em um foco privilegiado da atenção dos médicos preocupados com a formação de um novo tipo de indivíduo, com o aprimoramento da população e a melhoria da raça. Com base no estudo da alienação mental e da criminalidade, a psiquiatria formulava a noção de uma má formação, uma deficiência física e mental, em suma, de uma constituição anômala ou degenerada, que explicaria tais comportamentos. (NUNES, 1991, p. 57 *apud* ROHDEN, 2001, p. 83)

O casamento entre Bentinho e Capitu não é considerado uma boa opção, pois, "apesar daqueles olhos que o Diabo lhe deu... [...] de cigana oblíqua e dissimulada" (ASSIS, 2017, p. 85), ela pertence à "gente do Pádua", que não era de toda má, segundo o agregado José Dias, mas, "D. Fortunata merece estima, e ele não nego que seja honesto, tem um bom emprego, possui a casa em que mora, mas honestidade e estima não bastam, e as outras qualidades perdem muito de valor com as más companhias em que ele anda.".(ASSIS, 2017, p. 86.)

O Sr. Pádua, apesar de ser boa gente, como afirma o agregado José, "tem uma tendência para gente reles. Em lhe cheirando a homem chulo é com ele" (ASSIS, 2017, p. 87). Além disso, sua conduta de homem, pai e esposo é colocada em questão no romance. Com grande facilidade ele perdia a cabeça, e não dava ouvidos aos sábios conselhos da sua esposa, forçando está a pedir auxílio a D. Glória, a única pessoa que ele respeitava e obedecia. Inclusive, D. Glória o impediu de cometer suicídio por não suportar a vergonha de perdeu um cargo que lhe dava maior prestígio e lhe permitiu ter melhores condições de vida, como ir ao teatro e até comprar sapatos de verniz, afirmando que não suportaria tamanha desgraça, foi necessário que D. Glória o recobrasse da responsabilidade de ser pai e marido.

O Sr. Pádua, portanto, se enquadra na definição de degenerado, segundo Silvia Nunes,

O degenerado é alguém que sucumbiu a um processo civilizatório deficiente, permanecendo num estágio anterior, apresentando ainda caracteres selvagens, constituindo-se numa ameaça ao desenvolvimento social, não só pelo fato de que seus atos podem prejudicar outros indivíduos, como também por se tratar de um portador de características passíveis de transmissão hereditária, o que pode levar a um processo de degradação social. (NUNES, 1991, p. 57 apud ROHDEN, 2001, p. 84)

Tendo em vista que a medicina "desenvolve a ideia de que a má formação ou constituição degenerada é transmitida na família" (ROHDEN, 2001, p.84), ao mesmo tempo em que afirma ser a mulher potencialmente destinada aos maus instintos, Capitu, sendo mulher e pertencendo à família do Pádua, não teria chances de se tornar uma boa esposa e uma boa mãe.

Além da dissimulação, a loucura é uma característica da personagem. Não só Bentinho, mas José Dias e até mesmo sua mãe, D. Fortunata, chama-lhe louca ou tonta. Bentinho, no trecho abaixo, afirma: "Então Capitu abanava a cabeça com uma grande expressão de desengano e melancolia, tanto mais de espantar quanto que tinha os cabelos realmente admiráveis; mas eu retorquia chamando-lhe maluca.". (ASSIS, 2017, p. 82) Até mesmo a sua mãe chama-lhe assim: "D. Fortunata chamou-lhe tonta, e disse-me que não fizesse caso, não era nada, maluquices da filha.". (ASSIS, 2017, p. 100) José Dias, o médico homeopata da família, por assim dizer, não poupa esforços para defini-la como louca: "A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corresse de maneira que...".(ASSIS, 2017, p. 52) "Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo, enquanto não pega algum peralta da vizinhança, que case com ela...". (ASSIS, 2017, p. 142)

D. Glória, por outro lado, possui suas características exaltadas pelo narrador, ela é sã e suas aptidões são comparadas com a de uma santa. Bentinho afirma "minha mãe era adorável. Por mais que me estivesse então obrigando a uma carreira que eu não queria, não podia deixar de sentir que era adorável, como uma santa.". (ASSIS, 2017, p. 164) Em vários momentos ela se mostra lúcida, um exemplo é o momento em que chama o pai de Capitu, Sr. Pádua, para conversar, quando ele pensou em suicídio e ela lhe recobrou da responsabilidade de ser pai de família. Bentinho ainda afirma que sua mãe trazia no rosto a sua maior qualidade, a santidade.

Com efeito, gostei de ouvi-lo falar assim. Sabes a opinião que eu tinha de minha mãe. Ainda agora, depois de interromper esta linha para mirar-lhe o retrato que pende da parede, acho que trazia no rosto impressa aquela qualidade. Nem de outro modo se explica a opinião de Escobar, que apenas trocara com ela quatro palavras. Uma só bastava a penetrar-lhe a essência íntima; sim, sim, minha mãe era adorável. Por mais que me estivesse então obrigando a uma carreira que eu não queria, não podia deixar de sentir que era adorável, como uma santa. (ASSIS, 2017, p. 164-165)

Tanto Capitu como D. Glória possuem o hábito de guardar pertences, mas com objetivos diferentes, enquanto uma guarda para manter viva a lembrança do marido, a outra guarda para lembrar seus tempos de meninice, onde esbanjava atrevimento e obstinação. (CELIDONIO, 2006, p. 182) No trecho abaixo, onde Bentinho relata este velho hábito da sua mãe, ele afirma que na verdade ela possui esse apego ao material porque estes objetos estavam atrelados à figura do falecido marido:

A razão de a guardar inútil foi exclusivamente sentimental; era a lembrança do marido. Tudo o que vinha de meu pai era conservado como um pedaço dele, um resto da pessoa, a mesma alma integral e pura. Mas o uso, esse era filho também do carrancismo que ela confessava aos amigos. Minha mãe exprimia bem a fidelidade aos velhos hábitos, velhas maneiras, velhas idéias, velhas modas. Tinha o seu museu de relíquias, pentes desusados, um trecho de mantilha; umas moedas de cobre datadas de 1824 e 1825, e, para que tudo fosse antigo, a si mesma se queria fazer velha; mas já deixei dito que, neste ponto, não alcançava tudo o que queria. (ASSIS, 2017, p. 173)

Capitu, por outro, guarda um velho sapato da infância e outros pertences que são o que ela chama de "pedaços de criança", como uma lembrança dos tempos em que era decida e obstinada.

Já disse que era poupada, ou fica dito agora, e não só de dinheiro mas também de coisas usadas, dessas que se guardam por tradição, por lembrança ou por saudade. Uns sapatos, por exemplo, uns sapatinhos rasos de fitas pretas que se cruzavam no peito do pé e princípio da perna, os últimos que usou antes de calçar botinas, trouxe-os para casa, e tirava-os de longe em longe da gaveta da cômoda, com outras velharias, dizendo-me que eram pedaços de criança. Minha mãe, que tinha o mesmo gênio, gostava de ouvir falar e fazer assim.

O discurso médico já circula no ambiente familiar de Bento, além de ter suas raízes na cidade de Itaguaí, palco de uma das crônicas de Machado que fala sobre a medicina e a psiquiatria, José Dias, que é um médico homeopata, para todos os efeitos, iniciou o seu relacionamento com a família Santiago pelas necessidades médicas da família, o que evidencia que os mesmos presam pelo discurso médico da época. Esse discurso que, segundo Foucault, penetra nas cotidianidades da população, regulando os comportamentos e condutas mais corriqueiras. Neste sentido, os olhos de Bento Santiago não representam uma lente desvinculada da ciência médica oitocentista, ou seja, a sua narrativa está impregnada por esse conhecimento médico.

O poder que está atrelado ao saber e que, para Foucault, não é uma instituição, uma “entidade”, mas sim uma rede de micro-poderes que estão ligados ao Estado e que permeiam toda a estrutura social, ele deve ser compreendido como uma prática, "que só existe em sua concretude, efetuado em níveis variados em múltiplas direções no cotidiano, a partir de instituições como a escola, a prisão, o hospício, o quartel, a fábrica, os meios de comunicação e as ciências". (FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 53.) Para ele o poder possui um aspecto produtivo que se articula com o saber, "que através de práticas disciplinares objetivam corpos dóceis, úteis e produtivos, necessários ao bom funcionamento da economia". (DANNER; OLIVEIRA, 2009; FOUCAULT, 1979; MUCHAIL, 2004 apud FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 53) Neste sentido, O sexo é um produto dessa relação entre o poder e o saber e deve ser compreendido "como um objeto que tem caráter histórico e está fundamentalmente implicado em uma rede de práticas em exercício que ao descrever, classificar e analisar objetos, acabam por constituí-los." (DANNER; OLIVEIRA, 2009; FOUCAULT, 1979; MUCHAIL, 2004 apud FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 53)

Para Judith Butler, a concepção sobre o conceito de gênero é fundamentada no conceito de poder de Foucault. A autora busca criticar a categoria de identidade, afirmando ser necessário tomar "a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo". (BUTLER, 2003 *apud* FIRMINO; PORCHAT, p. 54) Ela afirma ainda que "não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais.". (BUTLER, 2003 *apud* FIRMINO; PORCHAT, p. 56) Deste modo, o sexo não pode se qualificar "como uma facticidade anatômica pré-discursiva". (BUTLER, p.27 *apud* FIRMINO; PORCHAT, p. 56) Portanto, sexo e gênero são as mesmas coisas, pois ambos são efeitos do discurso. Segundo Butler, “[...] as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero.”. (BUTLER, p. 37 *apud* FIRMINO; PORCHAT, p. 57) Assim sendo, uma vez que a própria identidade é uma produção do discurso, a identidade de gênero do sujeito é um efeito do que ele expressa.

Portanto, para Butler, "o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.". (BUTLER, p. 59 *apud* FIRMINO; PORCHAT, p. 58) Portanto, são esses atos e gestos,

que se repetem, que causam uma aparência de substância física, ou seja, do "ser homem" ou "ser mulher". Portanto, esta identidade é construída *performativamente*, pois esses atos e ações têm a identidade que pretendem expressar fabricadas por eles, “[...] manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos.”. (BUTLER, p.194 *apud* FIRMINO; PORCHAT, p. 57-58) No entanto, essa *performance* do gênero é limitada pelo discurso político.

O jogo ficcional do gênero interfere diretamente nos sujeitos, estes que incorporam o gênero e que a partir de atos performativos trazem o gênero à tona dentro do campo político, desta maneira, a *performance* de gênero é limitada pelo discurso político, mas, ao mesmo tempo, é a sua performatividade que abre o campo político ao gênero. “O gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero.” (2015, p.56). Assim, a *performance* de gênero não se dá como atos ilimitados, pois esta só pode se dar dentro dos limites culturais. O gênero não é algo que está acabado, estando constantemente em construção através do tempo, sendo assim um fenômeno inconstante e contextual. (BUTLER, 2015 *apud* COELHO, 2018, p. 32)

Segundo Fabíola Rohden, o século XIX em especial, presenciou uma multiplicação dos tratados médicos relacionadas às doenças femininas, que tratavam do corpo e da alma, das paixões e da histeria, e possuem em comum a associação destas doenças ao útero. "Daí derivaria a ideia de que as doenças das mulheres nada mais seriam do que a expressão mesma de sua natureza. Na medida em que são mulheres, são também doentes e são doentes porque são mulheres." (ROHDEN, 2001, p. 30)

No entanto, foi a partir do século XIX que aconteceram os fenômenos da industrialização, urbanização, avanços científicos e tecnológicos, a entrada da mulher no mercado de trabalho etc., o que, de certa forma, devido à conjuntura histórica, conduzia para uma reformulação das relações entre os homens e as mulheres. Pois, a difusão de ideais feministas gerou novas atitudes e comportamentos e abrangiam desde o direito a educação até o mercado de trabalho, e ameaçavam os papéis sociais tradicionalmente atribuídos aos sexos femininos e masculinos. Com isso, surgem novas tentativas de ordenar e significar os papéis sociais de acordo com o sexo. E uma delas é a medicina, pois nos escritos médicos do período é evidente um constante esforço em afirmar uma distinção entre os sexos que, conseqüentemente, determinariam suas respectivas funções e características sociais. (ROHDEN, 2001, p.13-14)

É nesse sentido que a medicina e, em particular, as especialidades dedicadas à mulher e à reprodução, como é o caso da ginecologia, se converte em uma verdadeira ‘ciência da diferença’. O argumento central, que perpassa boa parte dos trabalhos da época e também justifica as intervenções concretas, diz

respeito a uma distinção natural, de caráter biológico e pré-determinado entre os sexos. Homens e mulheres seriam naturalmente distintos nas suas características físicas e também nas suas características morais ou psicológicas. (ROHDEN, 2001, p. 14)

O discurso médico passa a impressão de que se fazia necessário abordar as diferenças entre homens e mulheres, destacando sempre com grande preocupação as desordens que se implementariam com a quebra desses limites. (ROHDEN, 2001, p. 21) A pretensão, portanto, é designar à mulher o papel de mãe e esposa e ao homem o papel de provedor, essa é a concepção dita “natural”, "normal", para cada sexo, feminino e masculino. (ROHDEN, 2001, p. 15)

No discurso médico do século XIX, além da melancolia, do desengano e da loucura pertencer à personalidade feminina, porque estão justificadas pelo corpo feminino e a sua natureza peculiar, é preciso analisar as condições sociais e as bases culturais nas quais estão inseridas estas mulheres. Em Dom Casmurro é perceptível que a categoria mulher está posta em pauta, pois, estas não são essencialmente iguais àquelas. O narrador, com muita habilidade, constrói uma representação de uma santa mulher, uma mulher perfeita e adorável, que está relacionada com a personagem D. Glória, sua mãe, enquanto, por outro lado, representa na personagem Capitu, sua esposa, a figura da mulher pecadora, louca e dissimulada, trazendo em sua narrativa, aspectos físicos, comportamentais, culturais e sociais que justificariam a distinção entre essas duas personagens.

O narrador, que reconhece o discurso da ciência e da natureza, busca revelar os atos e ações que deixam transparecer a loucura e dissimulação da Capitu e a lucidez e santidade da D. Glória. Nesse sentido, serão as ações e comportamentos de Capitu, que trazem uma forte autodeterminação, os responsáveis por defini-la como louca. Enquanto, por outro lado, a lucidez da D. Glória consiste em reconhecer a estrutura familiar patriarcal, valorizando os papéis sociais que ambos os sexos estão destinados a exercerem.

Capitu com o seu vestido de chita apertado e o sapato velho nos remetem à inferioridade e a pobreza da personagem. Além disso, ela pertence "a gente do Pádua", que não é de toda má, mas o seu pai pode ser considerado um degenerado, que não prima pelas boas companhias e pelos altos valores sociais, mas vive com os seus modos chulos em companhias de gente reles. Por outro lado, D. Glória era filha de uma senhora mineira, que também possui descendência de outra família paulista, a família Fernandes. Enquanto

uma é a louca, pobre e sem uma boa base cultural e familiar, a outra é uma dama honrada e de boa família que está predestinada a ser uma boa mãe e uma boa esposa.

Mesmo nos gostos semelhantes, como o gosto por guardar objetos, os valores que as levam a guardar esses objetos é diferente. Capitu zela pelas suas próprias lembranças da infância e D. Glória mantém os objetos com o intuito de valorizar e manter a lembrança do falecido marido.

Capitu, quando menina, ao saber que Bentinho se tornaria padre, talvez para assustá-lo ou afrontá-lo, responde com certa frieza quando ele pergunta se poderia celebrar o seu casamento, e ela afirma que levaria muito tempo para ele se consagrar padre, sendo assim, não teria tempo hábil para conseguir casá-la, mas o seu primeiro filho com certeza seria ele o responsável pelo batismo. Bentinho ficou atordoado com a resposta, pois não esperava esse comportamento de uma mulher, porque ela não demonstrou nenhum apelo ao sentimental ou emocional. Por outro lado, Capitu se mostra consciente do seu destino e compreende como a sociedade interpreta os papéis sociais. Portanto, reconhece que o casamento e a maternidade são predestinados à mulher, com ele ou com outro, ela tinha a certeza de que se casaria e seria mãe.

Definida como louca, Capitu não possui chances de se tornar uma boa esposa e uma boa mãe, pois, além de ser mulher, ela pertence à família do Pádua. José Dias afirma que ela anda alegre e tontinha como sempre, mas que ela não sossegaria enquanto arrumasse um casamento com algum rapaz da vizinhança. Nesta afirmação não há nada que justifique o adjetivo de tonta, pelo contrário, mostra que por trás de seus gestos despreziosos e da sua alegria existe na verdade um intuito, um objetivo, que visa o casório. Ou seja, "seus olhos de cigana oblíqua e dissimulada". (ASSIS, 2017, p. 228) estão à espreita de um bom rapaz, de um bom casamento.

Um filho que é só da Capitu, uma imagem já assombrava Bentinho desde a adolescência, quando Capitu afirmou que ele seria o responsável pelo batismo do seu primeiro filho. Tal é a ironia da vida que, aos olhos de Bentinho, o seu maior pesadelo se tornou realidade, Ezequiel não é seu filho. Para ele, a natureza já lhe demonstrava e confirmava a verdadeira paternidade de Ezequiel, com a semelhança física e comportamental. "Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, e a figura entra a ver, sorrir, palpitar, falar." (ASSIS,

2017, p. 228) A pessoa inteira de Ezequiel revelava "a volta de Escobar mais vivo e ruidoso.". (ASSIS, 2017, p. 229)

Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, e a figura entra a ver, sorrir, palpitar, falar quase, até que a família pendura o quadro na parede, em memória do que foi e já não pode ser. Aqui podia ser e era.[...] Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume.[...] era a volta de Escobar mais vivo e ruidoso. Até a voz, dentro de pouco, já me parecia a mesma. (ASSIS, 2017, p. 230)

Bentinho, por outro lado, é a cara do pai, o que reforça a índole da sua mãe e justifica o seu argumento que o filho deve ser a cara do pai.

Minha mãe, quando eu regresssei bacharel quase estalou de felicidade. Ainda ouço a voz de José Dias, lembrando o evangelho de São João, e dizendo ao ver-nos abraçados:

Mulher, eis aí o teu filho! Filho, eis aí a tua mãe!

Minha mãe, entre lágrimas:

— Mano Cosme, é a cara do pai, não é?

— Sim, tem alguma coisa, os olhos, a disposição do rosto. É o pai, um pouco mais moderno, concluiu por chalaça. E diga-me agora, mana Glória, não foi melhor que ele não teimasse em ser padre? Veja se este peralta daria um padre capaz

— Justamente! exclamou minha mãe. Mas veja bem, mano Cosme, veja se não é a figura do meu defunto. Olha, Bentinho, olha bem para mim. Sempre achei que te parecias com ele, agora é muito mais. O bigode é que desfaz um pouco...

— Sim, mana Glória, o bigode realmente... mas é muito parecido. (ASSIS, 2017, p. 189)

O romance foi publicado em um contexto de mudança de regime político, saindo da monarquia, cujo símbolo era o pai, o Imperador, para o regime republicano, simbolizado pela mulher, pelo feminino. Neste sentido, a personagem Capitu representa o avanço e as conquistas das mulheres. Bentinho, portanto, busca desqualificar o feminino e com isso busca desautorizar o sistema republicano, que é sedutor e traidor tal como as mulheres.

Ao comparar o casamento dos seus pais com um bilhete de loteria, ele está afirmando que os tempos são outros, e as mulheres também. Sua mãe, D. Glória, se torna um exemplo de uma das poucas mulheres virtuosas e adoráveis que respeitam e cultivam as raízes culturais da sociedade patriarcal. (CELIDONIO, 2006, p. 200)

Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado do marido, tais quais na outra casa. A pintura escureceu muito, mas ainda dá idéia de ambos. Não me lembra nada

dele, a não ser vagamente que era alto e usava cabeleira grande; o retrato mostra uns olhos redondos, que me acompanham para todos os lados, efeito da pintura que me assombrava em pequeno. O pescoço sai de uma gravata preta de muitas voltas, a cara é toda rapada, salvo um trechozinho pegado às orelhas. O de minha mãe mostra que era linda. Contava então vinte anos, e tinha uma flor entre os dedos. No painel parece oferecer a flor ao marido. O que se lê na cara de ambos é que, se a felicidade conjugal pode ser comparada à sorte grande, eles a tiraram no bilhete comprado de sociedade. (ASSIS, 2017, p. 58-59)

A felicidade conjugal para Bentinho consiste em uma mulher submissa e um homem com poder e autoridade, uma família patriarcal. O casamento dos seus pais é seu grande modelo de felicidade conjugal, pois estes seguem a norma patriarcal. O retrato dos seus pais, que ele chama de "fotografia instantânea da felicidade", se compõe, segundo Celidonio, de uma mulher fascinada e de homem indiferente a ela, pois no retrato o seu pai não retribui o olhar da sua mãe, enquanto a sua mãe se mostra deslumbrada e apaixonada por ele. (CELIDONIO, 2006, p. 188.)

São retratos que valem por originais. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: "Sou toda sua, meu guapo cavalheiro!" O de meu pai, olhando para a gente, faz este comentário: "Vejam como esta moça me quer..." Se padeceram moléstias, não sei, como não sei se tiveram desgostos: era criança e comecei por não ser nascido. Depois da morte dele, lembra-me que ela chorou muito; mas aqui estão os retratos de ambos, sem que o encardido do tempo lhes tirasse a primeira expressão. São como fotografias instantâneas da felicidade. (ASSIS, 2017, p. 58-59)

Segundo Rohden, o discurso médico do século XIX afirmava que a mulher que foi "pervertida" por um ambiente cultural e social desfavorável possui como sintoma um forte desejo sexual, fora dos padrões normais. Para essas mulheres uma das formas de tratamento era a reclusão. (ROHDEN, 2001, p. 222) Neste sentido, a reclusão e exílio fazem parte do tratamento da mulher desvirtuada, louca.

Capitu, que não é vista como uma mulher sã, mas sim louca, por suas raízes familiares e pelo seu comportamento nada sentimental, atrevido e decidido, que atrelado aos seus "olhos de cigana oblíqua e dissimulada", desperta toda a desconfiança. A solução encontrada por Bentinho é justamente aprisionar Capitu dentro de casa. Ela é comparada com um pássaro que sai da gaiola ao sair de casa. Mas mesmo aprisionada, Bentinho, com o seu ciúme, ainda enxergava possibilidades de uma traição, chegando ao ponto de proibi-la de se aproximar da janela para aguardar a sua chegada. "Dali em diante foi cada vez mais doce comigo; não me ia esperar à janela, para não espertar-me os ciúmes, mas quando eu subia, via no alto da escada, entre as grades da cancela, a cara deliciosa da minha amiga e esposa, risonha como toda a nossa infância". (ASSIS, 2017, p. 210-211)

Capitu, que não tem sanidade para sair de casa sozinha, necessitando a todo o momento ser vigiada, por ser um elemento de desordem social e familiar, só sai de casa na companhia do marido: “Ao teatro íamos juntos; só me lembra que fosse duas vezes sem ela, um benefício de ator, e uma estréia de ópera, a que ela não foi por ter adoecido, mas quis por força que eu fosse.”.(ASSIS, 2017, p. 208-209) Cabe a Bentinho vigiar e punir a sua esposa. Porém, por não ser nobre ou glorioso executar uma punição e por ser a conduta médica indicada ao tratamento com as mulheres loucas e desvirtuadas, Bento encontra no exílio de Capitu uma solução para o seu dilema, a separação foi concretizada e a punição executada, mas as aparências são mantidas. Com a intenção de não despertar suspeitas, Bento viaja com frequência para a Europa, com o objetivo de simular uma visita à esposa e filho.

Entendendo que a *performance* do gênero é limitada pelo discurso político, e não se dá como atos ilimitados, porque ela só pode ocorrer dentro dos limites culturais, pretendo afirmar que, com a crise do sistema paternalista e da sociedade burguesa, que está representada no ciúme do Bentinho, ele busca reafirmar a superioridade masculina, e legitimar a sua autoridade e o seu poder de fala, que é atribuído pelos aparelhos discursivos, como o discurso médico científico. Ao mesmo tempo, ao silenciar a Capitu e exilá-la, chamando-lhe louca e adúltera, o seu objetivo é desautorizar o feminino, portanto, desautorizar o novo sistema político, a República, que é simbolizada pela mulher. Salientando que o objetivo de Bento Santiago com a sua autobiografia, é reafirmar as bases do sistema patriarcal em um momento de expansão do feminino, (CELIDONIO, 2006, p. 138-137) valorizando e enaltecendo a figura da sua mãe D. Glória, porque está respeita e cultiva a cultura e a estrutura familiar desse sistema paternalista.

5 CONCLUSÃO

Partindo do princípio de que o romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, faz parte de um texto maior, de uma rede simbólica, busquei analisar os aspectos culturais e sociais que, no dado no momento histórico, contribuíram para influenciar e moldar o romance. Neste sentido, busquei investigar e interpretar essa rede de símbolos, esse texto, que é a cultura. No primeiro capítulo, analisei a forma com que Machado representou o estilo de vida urbano da cidade do Rio de Janeiro do século XIX. Analisei a realidade literária articulando aspectos culturais que interagem com o romance.

Dom Casmurro vive no seu tempo presente uma reclusão na “Caverna do Engenho Novo”, que foi construída não com a intenção de relembrar aspectos sentimentais, mas com o objetivo de manter vivo um acervo, com figuras clássicas de imperadores, que enaltecem a autoridade masculina e o sistema patriarcal. Mas, é evidente também que existe uma vida noturna em ebulição e novos hábitos sociais que não são completamente aceitos pelo narrador, nem completamente rejeitados, a vida é, segundo ele, apenas outra coisa.

Por trás da perspectiva romanesca, ou seja, do romance entre Bentinho e Capitu, existem interesses sociais da época, que estão articulados com a crise do sistema patriarcal e a organização da ordem paternalista. Segundo Schwarz, o ciúme de Bento é uma convulsão dessa crise. Portanto, se olharmos Bento Santiago com a devida desconfiança podemos perceber que o seu discurso foi muito bem elaborado por advogado de prestígio e muito culto que tenta condenar e justificar o exílio da sua esposa e filho.

A diferença de Machado está em sistematizar a não realização das finalidades modernas no Brasil. A sociedade brasileira almejava semelhança com a moda europeia, a ciência etc., mas ela era diferente, e esta diferença está fundamentada, segundo Schwarz, na escravidão. Por isso, segundo ele, todos os seus objetivos como sociedade moderna ocorriam de maneira diferente e ficavam diminuídos.

Também busquei analisar a maneira como Machado de Assis ressalta as novas configurações da família burguesa em *Dom Casmurro*, e dá grande destaque a sua moral contraditória e a relação entre as classes sociais. Também se percebe uma ausência do *pater famílias*, sendo a Dona Glória, a viúva e mãe do Bentinho, a personagem de maior autoridade e poder na família Santiago. No entanto, apesar da ausência de uma figura

paterna forte, sua lembrança é preservada pela D. Glória nos objetos e pertences que guarda na casa, com a intenção de manter viva a memória e a autoridade do falecido.

O surgimento do “homem livre” que na verdade é dependente, que se configura na figura do agregado José Dias, é um dos efeitos, segundo Schwarz, que a colonização, com o monopólio das terras, acabou engendrando. Neste sentido, a população de Dom Casmurro é composta por uma *parentela*, uma característica marcante da sociedade brasileira tradicional. No centro está um proprietário, Dona Glória, que está rodeado por seus parentes e agregados à família, estes últimos são dependentes e estão mais ou menos atados aos caprichos e vontades deste proprietário.

D. Glória, portanto, é uma proprietária, que faz parte de uma elite mercantil que viveu a transformação dos grandes centros, e presenciou a urbanização cada vez mais acentuada, vivendo dos aluguéis dos conjuntos, prédios e outros imóveis. A sociedade oitocentista deixava de ser uma aristocracia rural e se convertia em uma sociedade urbana.

Com isso, a perspectiva religiosa e a moral deste tempo também sofrem mudanças. Machado, com sua habilidade para adentrar nas engrenagens sociais, percebe que a moeda corrente da troca capitalista altera as percepções morais e religiosas da época, a relação com Deus passa a se estabelecer por intermédio de uma negociação.

No segundo capítulo, analisei de que forma o discurso médico está representado no romance. Em um primeiro momento, voltei minha análise sobre como a personagem de José Dias nos revela o debate sobre duas escolas médicas que possuíam ideais e princípios diferentes e que travavam um forte embate no século XIX, a alopatia e a homeopatia. José Dias que aos olhos da Escola de Medicina, ou seja, da ciência institucionalizada, da alopatia, pode ser considerado um charão por não possuir um certificado e por praticar uma técnica medicinal que não é valorizada ou reconhecida pela instituição. Porém, no final do romance evidenciei que ele, o defensor da prática homeopática, se convenceu de que “a alopatia é o catolicismo da Medicina” e culpou a juventude por seus anos de defesa à homeopatia, afirmando que foram ideias da mocidade.

Depois analisei a maneira como esse discurso médico está presente nos argumentos que Bentinho utiliza para acusar Capitu, sua esposa, como adúltera e negar a paternidade de Ezequiel, seu filho. Porque a ciência, o determinismo biológico e a natureza são as grandes acusadoras de Capitu, elas denunciam e revelam o que ela nega.

A semelhança de Ezequiel com Escobar, seu amigo, não é mera coincidência, mas sim uma evidência, que este advogado, de boa família e culto utiliza em sua defesa, a fim de comprovar que a punição de Capitu e Ezequiel foi justa. Além disso, evidencio que, conforme o discurso médico, o tratamento para as mulheres desvirtuadas e loucas exige reclusão e o exílio, tal como foi feito com Capitu. Antes aprisionada dentro de casa, por seus hábitos malucos, seu comportamento duvidoso ou apenas pelo ciúme do marido, Capitu, depois de considerada culpada de adultério, foi exilada junto com o seu filho, filho esse que é só dela.

No terceiro e último capítulo, busquei analisar como o discurso médico, que engendrou uma ciência da diferença, segundo Rohden, que embasava e redefinia os papéis sociais e que possuía um forte interesse sobre o corpo feminino, esteve presente na construção das duas personagens femininas mais importantes da vida de Bentinho. Com base no conceito de poder de Foucault, compreendo que o discurso médico faz parte da rede de micro-poderes interligados ao Estado e penetra a cotidianidade das pessoas nos atos mais corriqueiros. O poder, que possui um aspecto produtivo que se articula com o saber, acaba por engendrar o sexo, que é um produto dessa relação poder-saber.

Neste sentido, compreendo que a loucura e o adultério de Capitu são justificados pelo fato dela ter sido “pervertida” pelo ambiente cultural e social inferior, além de ter um pai degenerado, que pode ter lhe transmitido hereditariamente essas características, ela também é mulher e, por isso, potencialmente destinada aos maus instintos. Pois, de acordo com o discurso médico, as mulheres necessitam de maior cuidado e precisam ser vigiadas porque existe uma periculosidade natural no sexo feminino. Portanto, segundo o discurso médico, Capitu, sendo mulher e pertencendo à família do Pádua, não teria chances de se tornar uma boa esposa e uma boa mãe. Também evidencio que a personagem D. Glória, que é representada em oposição à Capitu, possui sua santidade e suas qualidades justificadas pela sua boa base cultural e familiar, que é revelado no seu comportamento neutro e adorável, que exalta e preserva os valores culturais do patriarcado.

Com base em Judith Butler, que possui sua concepção sobre o conceito de gênero fundamentado no conceito de poder de Foucault, e afirma que sexo e gênero é a mesma coisa, porque ambos são efeitos do discurso, pretendo analisar a forma como Machado de Assis representa a personagem Capitu e D. Glória, pois estas, apesar de serem ambas mulheres, são diferentes. Ressaltando que a identidade de gênero é construída por atos e

gestos de forma *performativa*. Portanto, são os atos e ações dessas personagens que vão diferenciá-las, são os signos corpóreos e outros meios discursivos, tal como o discurso médico, que vão engendrar uma identidade de gênero. Neste sentido, pretendo abandonar uma noção estável do conceito de gênero, que está baseado na categoria de “mulheres”, para entender, segundo Butler, a construção da identidade do sujeito feminino.

Além disso, entendendo que a *performance* do gênero é limitada pelo discurso político, e não se dá como atos ilimitados, porque ela só pode ocorrer dentro dos limites culturais, pretendo afirmar que, com a crise do sistema paternalista e da sociedade burguesa, que está representada no ciúme do Bentinho, ele busca reafirmar a superioridade masculina, a sua autoridade e o seu poder de fala, que é atribuído pelos aparelhos discursivos. Ao mesmo tempo em que, ao silenciar a Capitu e exilá-la, chamando-lhe louca e adúltera, o seu objetivo é silenciar e desautorizar o feminino como uma forma de desautorizar o novo sistema político, a República, que é simbolizada pela figura feminina. Saliendo que o objetivo de Bento Santiago, portanto, com a sua autobiografia e a sua casa repleta de símbolos clássicos e imperadores, é reafirmar as bases do sistema patriarcal em um momento de expansão do feminino.

6 BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Maria Celeste de Moura. O século XIX: O mundo burguês / O casamento/A nova mulher: O contexto histórico dos romances Madame Bovary, Ana Karenina, O Primo Basílio e Dom Casmurro. **Evidência**, Araxá/MG, vol. 9, n.9, p. 63-80. 2013.

ARCHANJO, Paulo Cesar Vieira. Foucault e a medicina social como estratégia biopolítica. Disponível: <<https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/foucault-e-a-medicina-social-como-estrategia-biopolitica/>> Acesso em: 09/07/2019.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1993.

_____. **Iniciação à Literatura Brasileira**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel 1990.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “Problemas de gênero”. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51-61, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MENDES, Mary Alves. Estudos feministas: entre perspectivas modernas e pós-modernas. **Caderno de Estudos Sociais**, Recife, vol. 18, n.2, pp. 223-238. 2002.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 8, n.2, pp. 9-42. 2000.

MONTEIRO, Pedro Meira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 92, jan./abr. 2018.

MOTA, Karla Rodrigues; ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de. A ciência na Sciencia: homeopatia versus alopatia no periódico brasileiro oitocentista (1847-1848). **Tecnia**, Goiania, v. 3, n. 2, 2018.

OLINTO, H. K. **Literatura e história: novas sensibilidades na historiografia (literária)**. Itinerários, Araraquara, 22, 13-36, 2004.

_____. Afetos na leitura do teórico da literatura. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 5, n. 1, p. 52-75, jan./jul. 2014.

OLIVEIRA, Marcos de Jesus. **Écriture féminine: Um olhar a partir da estética da existência**. Espaço Michel Foucault. Disponível em: <<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/art17.pdf>>. Acesso em: 28 de Agosto de 2018.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, vol. 24, n. 1, pp. 77-98, 2005.

POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. **Lua Nova**. 2004, n.63, p.179-201.

POULIQUEN, Hélène. Una história de la literatura para un nuevo lector. **Literatura: teoría, história**, crítica, Bogotá, 2006, n. 8, pp. 381-395. Disponível em: <<https://revistas.unal.edu.co/index.php/lthc/issue/view/951>>. Acesso em: 28 de Agosto de 2018.

ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

SANTOS, Wanderson Barbosa. Formação, análise literária e originalidade – interlocução entre Antonio Candido e Roberto Schwarz. **Cerrados**, Brasília, 2017, vol. 26, n. 45, pp. 216-227.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, vol.16, n.1, p.173-186, Jan./Apr. 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2001.

_____. **Duas meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%A1nero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 28 de Agosto de 2018.

_____. **Gênero e história**. México: FCE, Universidade Autônoma da cidade do México, 2008.

SILVA, Natália Afonso Correa. **A reforma urbana de Pereira Passos e as transformações espaciais na cidade do Rio de Janeiro (1890-1910)**. Campinas, Unicamp, 2018, 56 f. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Econômicas), Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, 2018.

SILVA MELLO, L. L. Forma e Performance: sobre a historicidade dos textos teatrais In: FONTANA, Fabiana Siqueira; GUSMÃO, Henrique Buarque de (Org). **O Palco e o tempo: estudos de história e historiografia do teatro**. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura**. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-01988/Trabalhos/18.pdf>>. Acesso em: 09/08/2019.